

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS (CCH)  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

DIANE VICENTE AMARAL

**ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG):**

65 anos de memória através da fotografia

Rio de Janeiro

2014

DIANE VICENTE AMARAL

**ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG):**

65 anos de memória através da fotografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia (EB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como requisito parcial à obtenção do diploma de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Beatriz Ribeiro.

Rio de Janeiro

2014

Amaral, Diane Vicente.

Escola Superior de Guerra (ESG): 65 anos de memória através da fotografia / Diane Vicente Amaral. - 2014.

70 f. : il., 28 fotografias (algumas coloridas).

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

Orientação: Profª Drª Leila Beatriz Ribeiro.

1. Escola Superior de Guerra (Brasil). 2. Memória. 3. Fotografia. I. Título.

***Ao meu único, verdadeiro e eterno Amor,  
Júlio César Amaral Medeiros, meu Filho...***

***Tudo por ele, para ele!***

## AGRADECIMENTOS

A D'us\* e aos deuses, “pois penso que a tarefa do século vindouro, perante a mais terrível ameaça já conhecida pela humanidade, vai ser a de reintegrar os deuses”\*\*. Aos meus amados pais, Jane e Valdirlando que, mesmo sendo de família humilde, sempre investiram no meu potencial, oferecendo ótima educação familiar e escolar. A avó do meu filho, Maria de Fátima, por cuidar do meu filho e me aconselhar, minha segunda mãe, sem ela eu não estaria aqui. A minha irmãzinha, Dirlene Vicente Amaral, por todos os conselhos e incentivos, minha melhor amiga. A todos os meus professores, desde o Jardim ao Ensino Médio, em especial, Tia Deise, que me ensinou a ler e a escrever. À Escola de Biblioteconomia (EB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que me proporcionou a formação acadêmica na qual me descobri como ser humano e profissional. À minha querida orientadora, Leila Beatriz Ribeiro, que com toda atenção, dedicação e paciência do mundo, me auxiliou na produção deste trabalho. À Ana Virgínia Pinheiro, excelente mestre e profissional, que me descobriu e me despertou para meus talentos na área de Biblioteconomia de Livros Raros. Aos professores Fabiano Cataldo, Iris Abdallah, Simone Weitzel, Marcos Miranda e Eduardo Alentejo, que nos momentos mais difíceis me ajudaram e me motivaram a nunca desistir. À minha amiga Ângela Maria, um anjo que caiu do céu. Aos meus colegas de trabalho que se tornaram amigos pro resto da vida, Luiz Antônio, João Cândido, Jaqueline Monte, Lúcia Febvre, Rosália, Thiago Silva, Marcelo Marinho e Jéssica Andrade. Aos amigos Pablo Mac-Culloch, Michele Paes, Cláudia Mayrink, Luna Fenggári, Barbara Braz, M. Conceição, Hector Cardoso, Lucas Trevisan, GM Domingos, SD Felipe, SD Teóphilo, Sharmene, Juliana, Queiroz, Cel. Av. Marcel, Prof. Rogério, CMG Rippel, Cel. Matheus, Cel. Boechat, CMG Reis Leite. À ESG - Cel. Montenegro, Cel. Heleno, CMG Tepedino, Cel. Louzada, Cel. Gonzaga, TC Perdonati - e à sua Biblioteca - bibliotecárias Judith, Fátima, Andréia, Ten. Fernanda e Cel. Jaqueline; aux. bibl. Silvana; profs. Maria Célia e Josiane; Maj. Vianna e S Ten. Silva Rodrigues. LAVS DEO!\*\*\*

---

\* Os estudiosos recomendam esta forma para grafar o nome sagrado do Altíssimo, para que não seja pronunciado em vão.

\*\* MAULTRAUX, André, *apud* MORIN, Edgard. **Nomes de deuses**. São Paulo: UNESP, 2000.

\*\*\* Frase em latim que em português significa “Deus seja louvado!”, comumente usada ao final das impressões de livros antigos, que abrangem da época da invenção tipográfica ao final do século XVIII.

*Ainda que um homem seja senhor do mundo, se o não for dos seus apetites, pode-se contar entre o número dos infelizes, porque do descanso do espírito depende a felicidade da vida.*

*(FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de, 1670-1735. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar.** Lisboa Ocidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722.)*

## RESUMO

Apresenta a memória da Escola Superior de Guerra (ESG) usando as fotografias da própria Instituição como complemento. Conta como se deu a escolha deste estudo de caso, como Trabalho de Conclusão de Curso, mediante as experiências vividas pela própria autora na ESG. Relata a trajetória da Escola Superior de Guerra, fazendo uma retrospectiva histórica de sua localização, sua gênese, sua biblioteca e de fatos ocorridos nos últimos anos. Objetiva colaborar com a disseminação da memória da Escola Superior de Guerra, que há sessenta e cinco anos realiza estudos e pesquisas para melhor compreender a realidade nacional e internacional. Tem como objetivos específicos a construção e apresentação da memória da ESG a partir do seu acervo bibliográfico e documental localizados na Biblioteca General Cordeiro de Farias, em especial, as fotografias. Disserta sobre a relação entre a fotografia e a memória como prova testemunhal da criação e da história da Instituição, tendo como referência autores como Le Goff, Dodebei, Costa, Smit, Mannini, Tálamo e Maimone. Considera a importância de reconhecer as fotografias como inquestionável testemunho histórico, se associadas a outras fontes de informação, atentando para a necessidade de um processamento técnico especializado que vise à sua adequada recuperação, preservação e conservação.

Palavras-chave: Escola Superior de Guerra (Brasil). Memória. Fotografia.

## **ABSTRACT**

This work displays the memory of the Escola Superior de Guerra (ESG) using the own institution's photographs as a complement. Describes how the author chose this case study, as part of the Final Graduation Project, using the author's own knowledge acquired during a period in ESG. This work tells the history of Escola Superior de Guerra, doing a historical retrospective of its location, its genesis, its library and events that occurred in recent years. It aims to collaborate with the spread of the memory of this institution, which contributes to studies and researches on national and international reality on the last sixty-five years. This work has as a specific goal the construction and presentation of ESG's memory from your bibliographic and documentary collection located in the Library General Cordeiro de Farias and, in particular, the photographs. This work discourses on the relationship between photography and memory as a witnesses of the creation and history of this institution, having as reference authors as Le Goff, Dodebei, Costa, Smit, Mannini, Tálamo and Maimone. Considering the importance of recognize the photographs as unquestionable historical testimony, whether in combination with other sources of information, noting the need for a specialized technical processing that aims at the appropriate restoration, preservation and conservation.

Keywords: Escola Superior de Guerra (Brazil). Memory. Photography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 – Força Expedicionária Brasileira (FEB), Montese / Itália, 15 abr. 1944 .....	18
Fotografia 02 – Escola Superior de Guerra (ESG), prédio do Comando, 1950.....	19
Fotografia 03 – Fortaleza de São João, alameda principal, vista aérea, 1950.....	20
Fotografia 04 – Forte São José, 1952.....	21
Fotografia 05 – Praça da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, anos 1990.....	24
Fotografia 06 – Força Expedicionária Brasileira (FEB), desfile, Av. Central / Rio de Janeiro, 24 maio 1944.....	27
Fotografia 07 – Expedicionária Brasileira (FEB), acampamento, Pisa / Itália, vista aérea, 16 out. 1944.....	28
Fotografia 08 – General Cordeiro de Farias, 1951.....	29
Fotografia 09 – Missão Militar Americana, 1951.....	30
Fotografia 10 – General Cesar Obino na Casa Branca, Washington / Estados Unidos da América (EUA).....	31
Fotografia 11– National War College, Washington / Estados Unidos da América (EUA), 1954.....	32
Fotografia 12 – Escola Superior de Guerra (ESG), criação, 20 ago. 1949.....	34
Fotografia 13 – Escola Superior de Guerra (ESG), Curso Superior de Guerra (CSG), primeira turma, 1950.....	36
Fotografia 14 – General do Exército Salvador Cesar Obino.....	39
Fotografia 15 – Escola Superior de Guerra (ESG), prédio do Comando, hasteamento da Bandeira Nacional, 1950.....	41
Fotografia 16 – Escola Superior de Guerra (ESG), prédio do Comando, 1952.....	42
Fotografia 17 – Escola Superior de Guerra (ESG), Prédio Marechal Juarez Távora, início dos anos 1980.....	43
Fotografia 18 – SERPRO, Unidade Regional de Operações, Centro Nacional de Treinamento, visita da ESG, anos 1970.....	44
Fotografia 19 – Escola Superior de Guerra (ESG), Biblioteca General Cordeiro de Farias, salão de leitura, 1988.....	45

Fotografia 20 – Escola Superior de Guerra (ESG), Biblioteca General Cordeiro de Farias, salão de leitura, 1989.....	47
Fotografia 21 – Escola Superior de Guerra (ESG), Curso Superior de Guerra (CSG), turma de 1956.....	49
Fotografia 22 – Escola Superior de Guerra (ESG), Curso Superior de Guerra (CSG), turma de 1957.....	49
Fotografia 23 – General de Divisão Oswaldo Cordeiro de Farias.....	51
Fotografia 24 – General de Divisão Juarez do Nascimento Fernandes Távora.....	51
Fotografia 25 – Escola Superior de Guerra (ESG), representantes do gênero feminino, meados dos anos 1970.....	52
Fotografia 26 – Escola Superior de Guerra (ESG), Senador Mario Covas, Almirante de Esquadra Bernard Davis Blower, Deputada Sandra Cavalcanti, Deputado Luiz Inácio da Silva, Senador Roberto Campos, 22 jun. 1987.....	53
Fotografia 27 – Escola Superior de Guerra (ESG), Presidente da República Fernando Henrique Cardoso na ESG, final dos anos 1990.....	54
Fotografia 28 – Escola Naval (EN), Ilha de Villegagnon, Turma CAEPE / ESG – 2014, 5 nov. 2014.....	55

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADESG	Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra
CAEPE	Curso de Altos Estudos de Política e Estratégica
CCFEx	Centro de Capacitação Física do Exército
CCH	Centro de Ciências Humanas e Sociais
CEMCFA	Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CSG	Curso Superior de Guerra
DBID	Departamento de Biblioteca, Intercâmbio e Difusão
EMFA	Estado-Maior das Forças Armadas
EN	Escola Naval
EsEFEx	Escola de Educação Física do Exército
ESG	Escola Superior de Guerra
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MD	Ministério da Defesa
MuDEx	Museu de Desporto do Exército
SEC	Secretaria de Estudos e de Cooperação
SERPRO	Serviço Federal de Processamento de Dados
SPEAI	Secretaria de Política, Estratégia e Assuntos Internacionais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

TG Trabalho de Grupo

UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>A ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG)</b> .....	18
2.1	LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	20
2.1.1	<b>A fundação da Cidade</b> .....	22
2.1.2	<b>A formação da Fortaleza</b> .....	24
2.2	GÊNESE.....	26
2.3	BIBLIOTECA GENERAL CORDEIRO DE FARIAS: UM ESPAÇO DE MEMÓRIA.....	38
2.4	A ESG NOS ÚLTIMOS TEMPOS.....	50
<b>3</b>	<b>A FOTOGRAFIA COMO PARTE INTEGRANTE DA MEMÓRIA</b> .....	56
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66

# 1 INTRODUÇÃO

*O acaso só favorece a mente preparada.*

*(PASTEUR, 1854, apud BARNETT, s.d., tradução  
nossa)*

Em janeiro deste ano, ciente da possibilidade de concluir minha graduação em Bacharelado em Biblioteconomia no período vigente – 2014/1, bastando somente concluir algumas disciplinas e escolher meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e orientador, interessei-me em pesquisar sobre instituições as quais tinham por objetivo o desenvolvimento na área de Inteligência e Gestão Estratégica da Informação e do Conhecimento. Ao realizar a busca *online*, logo fui apontada ao sítio eletrônico oficial do Ministério da Defesa (MD), que por consequência me conduziu à página eletrônica da Escola Superior de Guerra (ESG). Entrando neste último endereço eletrônico, confesso, desejei conhecer fisicamente, integrar aquela Instituição que eu acabara de visitar virtualmente. Não medi esforços, e me lancei numa oportunidade inexistente. O anseio de melhor desvelar a ESG, sua estrutura, cursos e estabelecimento, me moveu, mesmo sem a divulgação de recrutamento e seleção para a vaga de estagiária (o) em Biblioteconomia, encorajando-me a enviar um currículo imediatamente. Para a minha surpresa, o *e-mail* foi respondido no primeiro dia útil seguinte – segunda feira, através de um telefonema, acompanhado de uma proposta de entrevista para o dia posterior. Pontualmente compareci ao compromisso marcado, a Biblioteca General Cordeiro de Farias me acolheu, e neste momento eu tive a total certeza que aquele era o lugar que eu deveria estar. A ESG, simplesmente, me esperava.

No mês seguinte cheguei à Fortaleza de São João, endereço físico da almejada Instituição, e como se tratava do meu último estágio na área, estava disposta a me dedicar àquela Biblioteca, pondo em prática os mais de cinco anos compreendidos na minha formação acadêmica. Logo, aprendi mais do que eu podia imaginar.

Tudo foi acontecendo como no conto persa infantil *Os três príncipes de Serendip*<sup>1</sup>, do autor britânico Horace Walpole, de 1754 (GONÇALVES, s.d.). No início, pensei estar fugindo do foco da minha formação e especialização – Memória, Patrimônio e Cultura, no âmbito da Biblioteconomia de Livros Raros, mas gradativamente fui observando o espaço, analisando o acervo da Biblioteca, bem como suas coleções. Quando dei por mim, já era uma desbravadora, tomada por um espírito caçador de relíquias e memórias, sem deixar de lado as funções inerentes à minha função. Cada dia era como se fosse uma expedição. Curiosa, quanto mais procurava, mais localizava documentos de todos os gêneros, perdidos ou mal acondicionados, porém de grande importância para a Instituição e à memória nacional. Soube que eu não estava ali por acaso, mas sim, porque a Biblioteca, ou seja, a Instituição como um todo, precisava da atenção de um profissional para suas coleções mnemônicas, formadas ao longo dos anos e depositadas, à revelia, na biblioteca, por diversos setores, e que incorporaram o acervo sem tratamento técnico específico – avaliação, seleção e processamento técnico devido. Destas, somente algumas estavam identificadas, outras não. As coleções de memória, assim, precisavam de atenção e tratamento.

Distribuídas em salas sem climatização adequada, denominadas *Sala de Multimídia* e *Sala de Documentos Sigilosos*, a autora localizou diversos tipos de documentos - manuscritos, documentos datilografados, fotografias, microfichas, microfilmes, cassete, VHS, livros, recortes de jornais, entre outros, de distintas procedências. Os materiais em suporte de papel estão, em sua maioria, ácidos, as microformas sofrendo as piores formas de deterioração, como a Síndrome do Vinagre e o ataque de fungos, as fotografias embranquecendo, perdendo sua nitidez e imagem. Deste modo, certifica-se que estão em mal estado de conservação, sem atenção, tratamento e acondicionamento devidos, não havendo nenhuma política de preservação e conservação direcionada a estes tipos de suporte na Instituição.

A partir do exposto, apresento uma pequena amostra do material localizado e que há pouco foi identificado, visando expor sua existência, a fim de instigar futuros trabalhos em prol da preservação e conservação desta Instituição.

---

<sup>1</sup>Este conto deu origem à palavra inglesa *serendipity*, traduzida para o português como 'serendipidade', a qual se refere às descobertas afortunadas, aparentemente, por acaso. *Serendib* é a denominação dada pelos comerciantes árabes da antiguidade ao atual [Sri Lanka](#). Atualmente, em sânscrito, o nome do país significa 'Terra Resplandecente', de acordo com antigos registros épicos indianos [Mahabharata](#) e [Ramayana](#). Com a chegada dos [portugueses](#), a ilha recebeu lusa denominação de Ceilão, nome derivado do inglês *Ceylon*.

- Três coleções bibliográficas de bibliotecas particulares, identificadas por mim, porém, não catalogadas<sup>2</sup>:
  - General Alfredo Souto Malan (1908-1982) - 1282 (mil duzentos e dois) volumes.
  - General Augusto Fragoso (1908-1997) - 1670 (mil seiscentos e setenta) volumes.
  - Marechal Juarez Távora (1898-1975) – somente 99 (noventa e nove) volumes das quase 1500 (mil e quinhentos) volumes doados pela família<sup>3</sup>.
  
- Listagem de fitas - cassete e VHS, contendo o registro de:
  - 216 (duzentos e dezesseis) VHS, em língua inglesa, doados pela *United States Information Service (USIS)*.
  - 540 (quinhentos e quarenta) VHS - intitulados *Memória*, com data até 2011.
  - 66 (sessenta e seis) VHS - intitulados *Avulsas (Doação)*, sem procedência.
  - 551 (quinhentos e cinquenta e um) cassetes - intitulados *Memória (Publicações ESG)*.
  
- Livros de Formatura dos cursos ministrados pela Escola Superior de Guerra, de diversos anos, desde a primeira turma (1950).
  
- Manuscritos pessoais do General Augusto Fragoso (1908-1997).
  
- Cadernos de anotações e pesquisa, com recortes de jornais.
  
- Diversos jornais e recortes de jornais.
  
- Quadro com retrato pintado do General Cordeiro de Farias.

---

<sup>2</sup>Em posterior busca na Biblioteca General Cordeiro de Farias, também foram encontrados, em locais inadequados, as listagens respectivas das três coleções, contendo, algumas delas, no mínimo, autor, título e data de publicação. Na listagem de itens da Coleção Juarez Távora, foi encontrado um bilhete dirigido à Cleide, bibliotecária chefe da supracitada biblioteca, no início dos anos 2000.

<sup>3</sup>Acervo doado por Flávio Juarez Távora, irmão do Marechal Juarez Távora (TÁVORA, 2004, p. 1). Segundo o Coronel do Exército, hoje na Reserva, José Everaldo de Albuquerque Montenegro, a maior parte integrante do acervo da biblioteca particular de Juarez Távora está localizada na biblioteca do Clube Militar do Rio de Janeiro (informação verbal).

- Quatro metros lineares de álbuns de fotografia e fotografias avulsas referentes à memória da Escola Superior de Guerra.
- Discursos de Comandantes, Subcomandantes e Estagiários da ESG (desde 1949).
- Discursos de autoridades: Presidentes, Ministros, Diplomatas, entre outros de carreira política (desde 1949).
- Diversos livros do século XIX e início do século XX.
- Monografias de Therezinha de Castro.
- Monografias do General Meira Matos.
- Itens da coleção particular do Marechal Juarez Távora.
- Itens da coleção particular do General Salvador César Obino.
- Mapoteca contendo diversos mapas antigos do Brasil e diversos países.
- Microformas:
  - Doze metros lineares de microfichas.
  - Três metros lineares de microfilmes.
  - Diversos filmes fotográficos.
- Dezoito metros lineares de rolo magnético de áudio (7 pol.).

A Biblioteca General Cordeiro de Farias, por também constituir um repositório institucional, ao longo dos anos, tornou-se unidade de salvaguarda de todas as espécies de documentos produzidos pela Escola, e à medida que algo era publicado, redigido ou registrado pela, ou para a, Instituição, no mínimo um exemplar deveria ser depositado na Biblioteca. Frente a esse acervo a ser tratado, optei por discutir no meu Trabalho de Conclusão de Curso questões relacionadas à memória da instituição utilizando fotografias como testemunho histórico. Nesse sentido, foram

selecionadas cerca de 28 (vinte e oito) fotografias significativas para a Instituição para complementar o trabalho.

As fotografias obedecem os seguintes critérios seletivos:

- a) Idealizadores, criadores ou fundadores da Escola Superior de Guerra.
- b) Fotografias da Escola e imediações.
- c) Primeiras turmas.
- d) Visitas técnicas realizadas durante os cursos ministrados pela ESG.
- e) Personalidades que passaram pela Escola Superior de Guerra como dirigentes, palestrantes e estagiários (políticos, civis e militares).
- f) Prioridade em fotografias em preto e branco (p&b), que remetem ao passado histórico da Escola Superior de Guerra.

No presente momento, está sendo providenciada a digitalização das fotografias.

Ciente de que a Biblioteconomia é a área do conhecimento que se preocupa em salvaguardar e disseminar a informação em seus diferentes suportes, o trabalho que aqui é tecido tem como fundamento construir a memória da Escola Superior de Guerra, através de seus documentos históricos, em especial sua coleção de fotografias, que por si mesmas representam testemunho imagético dos sessenta e cinco anos de sua criação. Esta memória, que também constitui um patrimônio coletivo-nacional, torna-se peça chave para compreendermos os processos sociais, culturais, políticos e econômicos de um período em que o Brasil sofreu diversas transformações em sua gestão, quando, não coincidentemente, gerações de intelectuais e políticos buscavam a base para pensar a nação, interessados em modernizar o Estado brasileiro.

Tendo em vista o que foi apresentado, este trabalho tratará, então, da relação entre a fotografia e a memória, levando em consideração o acervo fotográfico da Escola Superior de Guerra, localizado em sua própria biblioteca, como prova testemunhal de sua criação e de sua história.

Dividido em duas seções, este trabalho conta, na Seção 2, intitulada *A Escola Superior de Guerra (ESG)*, um pouco da história da Instituição, dividindo-a em quatro subseções, *Localização histórica*, *Gênese*, *Biblioteca General Cordeiro de Farias: um espaço de memória* e *A ESG nos últimos tempos*, tendo como prova testemunhal as fotografias selecionadas; na Seção 3 apresenta o documento fotográfico como

parte constitutiva da memória, e é intitulada *A fotografia como parte integrante da memória*. Nas *Considerações finais* são apresentadas algumas observações específicas sobre o trabalho apresentado, bem como sugestões para que a memória desta Escola não seja encoberta ou esquecida.

Por conseguinte, este trabalho tem como objetivo geral colaborar com a disseminação da memória e do acervo da Escola Superior de Guerra, uma Instituição que há sessenta e cinco anos realiza estudos e pesquisas para melhor compreender a realidade nacional e internacional. Já, seus objetivos específicos é construir e apresentar a memória da Escola Superior de Guerra a partir do seu acervo bibliográfico e documental, tendo como prova, ou testemunho, fotografias localizadas no repositório de sua história - a Biblioteca General Cordeiro de Farias, alertando para os riscos da perda material do acervo institucional.

Para tanto, foram utilizados os seguintes passos metodológicos:

- Pesquisa de campo – observação direta intensiva na própria Instituição, como relatos informais de experiência.
- Pesquisa documental – englobando fontes primárias, escritas ou não, como discursos e fotografias.
- Revisão de literatura – levantamento de fontes secundárias, pertinentes ao trabalho em questão – memória e fotografia, como livros e artigos de autores de referência na área especificada.

Para justificar a importância deste intento, foi necessário se apropriar de autores como Le Goff, Dodebei e Costa, buscando explicar a relação do documento fotográfico com a memória social, ou institucional, através do consciente coletivo. Atentamos também, a partir dos estudos de Smit, Mannini, Tálamo e Maimone, que a fotografia, como documento primário, e até mesmo secundário, é passível de diversas interpretações e que, portanto, deve ser tratada e analisada de maneira especial e específica em cada caso.

## **2 A ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG)**

*Não me preocupam aqueles que não vêem a solução.  
Os que me preocupam, realmente, são aqueles que  
não vêem o problema.*

*(CHERTESTON apud SCHNEIDER, 2002, p. 16)*

O cenário pós-guerra, no nosso país, foi marcado pela busca de novas alternativas para a solução dos problemas nacionais. O Brasil havia participado da Segunda Guerra Mundial, enviando a Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália, no momento em que o contexto nacional estava voltado aos ideais democráticos.

Segundo o General Muniz Oliva (1989, p. 11), a Escola Superior de Guerra surgiu do idealismo de um grupo de militares da FEB que combateram na Europa, que indignados com a devastação e a humilhação sofrida por uma nação herdeira da cultura latina – a Itália, decidiram implantar a mentalidade moderna do trabalho em equipe. Assim, somaram-se a este grupo outros brasileiros, civis e militares, a fim de desempenhar um papel fundamental no delineamento do perfil nacional, que é o de garantir uma identidade própria.



Fotografia 01 – Força Expedicionária Brasileira (FEB) operando o caça-tanques M8 *Greyhound* pelas ruas da cidade de Montese, na Itália, após combate no dia 15 de abril de 1944.

Fonte: Arquivo da FEB

Coube aos intelectuais civis, principalmente àqueles vinculados aos órgãos de defesa, a responsabilidade de estudar o Brasil em um novo panorama mundial,

tendo a missão social de avaliar corretamente o passado propondo mudanças valiosas para o futuro. Desta forma, a Escola Superior de Guerra (ESG) diplomou homens públicos, formou líderes, gerou presidentes, como afirmou o então presidente Médici em uma das aulas inaugurais da Instituição, que a ESG “[...] constitui-se em verdadeira escola de estadistas [...]” (1970, p. 4).



Fotografia 02 – Prédio do Comando da Escola Superior de Guerra (ESG), em 1950. Construído em 1867 para sediar a Escola de Artilharia de Costa.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Os sessenta e cinco anos da Escola Superior de Guerra é o momento propício para articular presente, passado e futuro, através de seu acervo de valor memorial depositado na própria Instituição. Logo, nesta seção será apresentada a memória histórica relativa à Escola Superior de Guerra, onde na primeira subseção versará, por ocasião dos 450 anos da fundação da Cidade do Rio de Janeiro, sobre o local onde a ESG está instalada desde sua criação – Fortaleza de São João; em seguida, será dissertada a sua gênese da Escola Superior de Guerra, seguida de um breve histórico de sua biblioteca e, ainda, um resumo da ESG nos últimos anos, servindo-se de material levantado a partir de pesquisa documental na própria Instituição.

## 2.1 LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA

*[...] é a memória que dita e a história que escreve.*

*(NORA, Pierre, 1993, p. 24)*

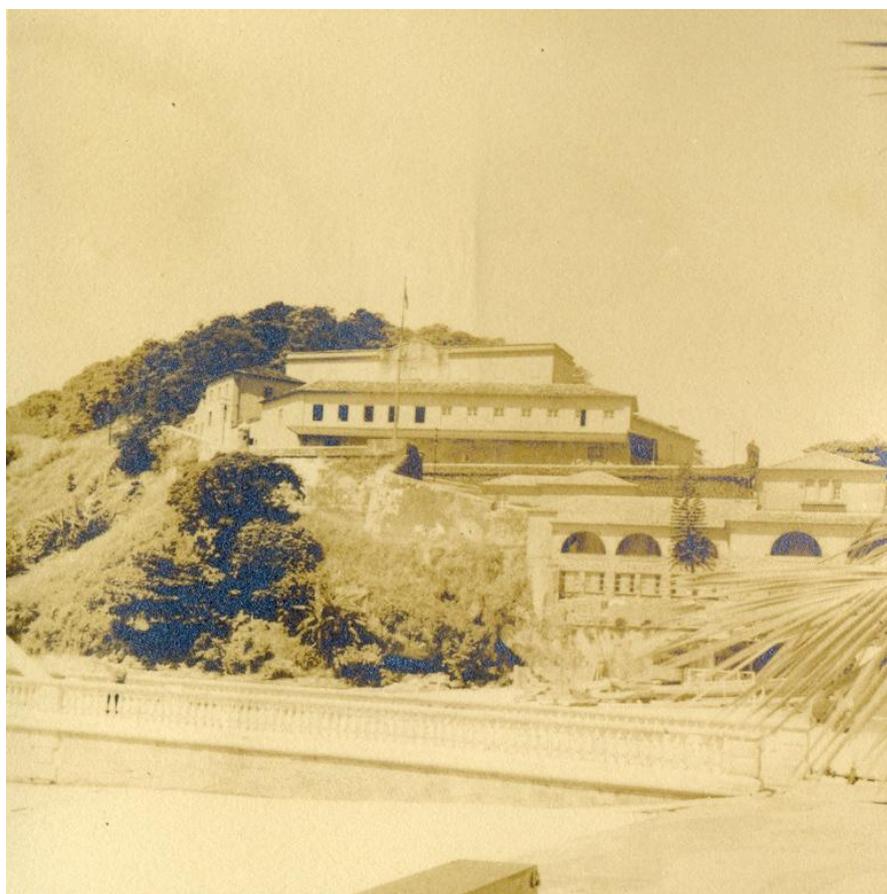
A Escola Superior de Guerra está localizada no complexo da Fortaleza de São João, que por si mesmo remete a um espaço de memória, lugar onde foi fundada a Cidade do Rio de Janeiro. Aproveitando o ensejo da comemoração dos 450 anos da fundação da cidade, em 2015, será apresentada, nesta subseção, a história e a descrição desse patrimônio histórico e cultural do nosso país.



Fotografia 03 – Vista aérea da entrada da Fortaleza de São João e de sua principal via de acesso. Registro feito do alto do Prédio do Comando da ESG, em 1950.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Cabe ressaltar que, neste contexto, o passado e o presente se encontram. Durante o período colonial, a Fortaleza de São João representava a força e a defesa territorial do Brasil, mais precisamente, a segurança da Cidade de São Sebastião do

Rio de Janeiro. As estratégias de combate aos invasores eram planejadas no interior de fortes e fortalezas. Eram, portanto, um dos alicerces da política colonial.



Fotografia 04 – Forte São José em 1952. Uma das unidades militares que compõem a Fortaleza de São João  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro Farias/ESG

Em 1949, quando foi fundada a Escola Superior de Guerra, esse espaço de memória recupera sua função de guardião da soberania nacional. Intencionalmente ou não, a ESG está situada na Fortaleza de São João, local escolhido para guardar a Cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, este local não é somente uma fortaleza antiga que protegia uma cidade, mas um lugar que abriga uma instituição que estuda assuntos relevantes e pertinentes à segurança de toda uma nação.

Parte do que será exposto a seguir, foi colhido durante visita ao Sítio Histórico da Fortaleza de São João, realizada no dia 19 de novembro do presente ano, o qual proporcionou fonte de informação indispensável à completude do conteúdo a ser apresentado, complementados por citações de obras de Coaracy (1955) e Brasil (1954), localizadas no acervo da biblioteca particular de Marechal Juarez Távora, que validam as informações adquiridas durante a visita.

### 2.1.1 A fundação da Cidade

Em 1º de março de 1565, na praia entre o Morro Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão, atualmente denominada Praia de Fora, Estácio de Sá, Capitão Mor português, desembarca para assim fundar a Cidade de São Sebastião<sup>4</sup> do Rio de Janeiro<sup>5</sup>.

Para Coaracy (1955, p. 415), com a sua fundação e concomitante povoamento, o Rio de Janeiro já era uma cidade desde berço, pois assim que Estácio desembarcou, logo ele se estabeleceu no local do desembarque, o que pode ser ratificado por Brasil (1954, p. 7), ao descrever que Estácio se fixou no local, construindo barracas feitas de ramos e palmas secas, de estilo selvagem, algo meio indígena e oriental, rodeado de estacas protetoras, pois os Tamoios rondavam atizados pelos franceses.

Sob ordem da Rainha-Regente, D. Catarina d'Áustria, após um ano organizando a expedição, Estácio de Sá sai de Bertioga, São Paulo, e chega a estas terras para expulsar invasores franceses comandados pelo Vice Almirante Villegagnon e “lançar os fundamentos de uma cidade, para que não mais deixasse de ser domínio português.” (BRASIL, 1954, p. 6). Ainda de acordo com Coaracy (1955, p. 537), antes de sair para a missão, Estácio pediu reforço à Capitania de São Vicente, mandando trazer dali o Padre Manuel da Nóbrega:

Mandou então um navio a São Vicente buscar o Padre Manuel da Nóbrega para que, vendo a situação em que se achava, lhe desse conselho. Trazendo Anchieta consigo, Nóbrega chegou ao Rio no Sábado de Aleluia, 31 de março, conforme narra Anchieta em uma de suas cartas, foi celebrada missa solene na ilha de Villegagnon. (COARACY, 1955, p. 537)

---

<sup>4</sup> Recebeu esse nome em homenagem ao santo do dia durante a Batalha de Uruçumirim, travada em 20 de março de 1567, quando os portugueses derrotaram os franceses, e ainda, em homenagem ao Rei-Menino de Portugal, “o leal”, ainda menor na época e que mais tarde viera a morrer em batalha em Alcacer Kibir.

<sup>5</sup> Ao penetrarem na Baía de Guanabara pela primeira vez, no mês de janeiro, os portugueses a confundiram com a desembocadura de um rio imenso, dando origem ao nome Rio de Janeiro.

Villegagnon e seus companheiros haviam se instalado na Ilha que hoje possui seu nome e onde reside a Escola Naval, onde antes havia o Forte Coligny<sup>6</sup>, além de se alocarem em outras áreas, que hoje correspondem ao bairro da Glória e Flamengo. Para Brasil (1954, p. 5), devido à ausência dos portugueses, era natural a instalação de estrangeiros nestas terras, no caso, os corsários franceses que exploravam o local para extração de produtos, como pimenta, pau-brasil e micos saguis, de tão fácil e rentável negócio no comércio europeu. Tão preciosas eram as riquezas deste território, que despertou o interesse da realeza francesa em convertê-lo na chamada *França Antártica*.

Os franceses reforçaram sua capacidade de combate ao fazer amizade com os índios Tamoios “[...] graças aos modos jeitosos de tratá-los...” (BRASIL, 1954, p. 5), consolidando uma conquista local pacífica. Por sua vez, os portugueses também estreitaram laços com os índios Temiminós, chefiados pelo cacique Araribóia. “Chegando [o reforço] ao Rio em dias de janeiro de 1567, foi deliberado que no dia de São Sebastião, padroeiro da cidade, seria iniciado o ataque às posições em que se achavam fortificados os inimigos [...] na colina de Uruçumirim.” (COARACY, 1955, p. 539). Durante a Batalha de Uruçumirim, em 20 de janeiro de 1567, os franceses foram derrotados, porém Estácio de Sá é ferido no rosto por uma flecha envenenada, e vem a falecer, após quase um mês de agonia, na própria Fortaleza.

Segundo Coaracy (1955, p. 417), Estácio de Sá foi sepultado na primeira capela erguida no Rio de Janeiro consagrada a São Sebastião, uma humilde igreja de taipa, coberta de sapê, que ele próprio, apressado, mandou levantar no primeiro sítio da cidade, ao sopé do Pão de Açúcar.

Coaracy (1955, p. 417) ainda confirma que os restos mortais de Estácio de Sá foram transferidos com o marco de fundação da Cidade para o Morro do Castelo, antes conhecido como Morro do Desterro ou do Descanso, quando, por ordem do Governador Geral, Mem de Sá, tio de Estácio, que ajudou no combate contra os franceses, realocou o primeiro núcleo de povoamento neste Morro. No início do século XX, devido a projetos de urbanização, o Morro do Castelo foi demolido, com isso, os restos mortais de Estácio e o marco de fundação da Cidade foram

---

<sup>6</sup> Nome dado em homenagem ao Almirante Coligny, cavaleiro de Villegagnon. Chegou ao Rio de Janeiro em 1555, e se instalou onde posteriormente foi construída a Escola Naval. Este forte foi destruído por Mem de Sá em uma das suas tentativas de expulsar os franceses.

transferidos para seu local atual, Igreja dos Capuchinhos, na Tijuca (informação verbal).<sup>7</sup>

Posteriormente, para substituir o marco original, foi construída, em pedra portuguesa, a Praça da Fundação, ornada com Cruz de Malta, símbolo da religiosidade lusitana desde a época das Cruzadas e da Ordem dos Templários. A Cruz de Malta veio nos mastros das caravelas de Pedro Álvares Cabral, em 1500, por ocasião do Descobrimento do Brasil. Em 1914, no local, também foi erguido um monumento em granito pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para homenagear os fundadores da Cidade (informação verbal).<sup>8</sup>



Fotografia 05 – Praça da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Obra de revitalização nos anos 1990.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

### 2.1.2 A formação da Fortaleza <sup>9</sup>

Ao desembarcar, em 1565, Estácio de Sá procurou um local seguro para proteger seus companheiros de missão. Na meia encosta do Morro Cara de Cão,

---

<sup>7</sup>Informação verbal obtida em 19 de novembro de 2014, sob responsabilidade do MuDEX.

<sup>8</sup>Idem.

<sup>9</sup>Idem.

voltada para a Várzea, levantou o Reduto São Martinho, a primeira posição defensiva ocupada por Estácio contra os invasores franceses.

Verificando a posição estratégica que esse Morro oferecia para a defesa da entrada da Barra e, conseqüentemente, para a Cidade, os colonizadores lusitanos ergueram o Reduto São Teodósio, em 1572, tendo parte de sua muralha ainda conservada nos dias atuais.

Em 1578, ainda tendo em vista a importância estratégica para a entrada da Baía, os lusos construíram o Reduto São José. Considerada pelo IPHAN como a obra mais primorosa da arquitetura militar imperial da Fortaleza, esse reduto sofreu ao longo dos tempos algumas melhorias. Motivado pela Questão *Christie*<sup>10</sup>, entre 1850 e 1863, o Imperador Pedro II determina que as Fortalezas da entrada da Baía sejam totalmente modernizadas. Em 1872, o novo Forte<sup>11</sup> São José é posto em serviço e é inaugurado pessoalmente pelo Imperador, tanto que na parte superior do seu portão, ainda há uma placa em mármore de Carrara com inscrições em latim e referências ao Imperador Pedro II. Em seu paiol, atualmente, funciona o Museu Histórico da Fortaleza de São João.

Por último, em 1618, no lado oposto ao Reduto São Martinho, foi erguido o Reduto São Diogo. Assim, estava formada e declarada, oficialmente, a Unidade Militar, Fortaleza de São João, guardiã da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. No local, ainda há um Portão Histórico da Fortaleza de São João, obra de arquitetura militar colonial do século XVII, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que em épocas remotas, serviu como única entrada para a Fortaleza, possuindo uma ponte levadiça, pois o mar passava aos pés da muralha. À frente, havia outra muralha que ajudava a defender o local e proteger os militares, porém, esta, não existe mais.

Pode-se observar a preocupação dos nossos antepassados em defender a cidade. Com vista para Niterói, do Forte São José podemos ver outros fortes e fortalezas que permitiam impedir todos os navios que se aproximassem da Boca da Barra, como o Forte Imbuí, Forte Rio Branco, Fortaleza de Santa Cruz, Forte do Pico, Forte São Luiz, Forte do Gragoatá, e o Forte Laje, usado por Villegagnon. No

---

<sup>10</sup>Situação caracterizada pela intervenção inglesa no tráfico de escravos e no comércio internacional, com o apresamento de navios brasileiros em nossas áreas territoriais.

<sup>11</sup>Cabe aqui ressaltar a diferença entre reduto e forte. Reduto é uma posição defensiva rústica, com poucas peças em seu interior. Forte é uma posição defensiva mais aprimorada, uma edificação que apresenta pelo menos uma galeria de canhões, com casamatas e paiol e conta com um número expressivo de armamento.

Rio de Janeiro, temos o Forte Duque de Caxias, o Forte de Copacabana e a própria Fortaleza de São João.

Hoje, a Fortaleza de São João é tida como sítio histórico pelo IPHAN e ainda resguarda o Museu do Desporto do Exército (MuDEX), criado em 2004, e que guarda precioso acervo das conquistas desportivas de militares atletas brasileiros e de personalidades que fizeram parte da trajetória da Educação Física no Brasil, abrigando o Complexo Desportivo pertencente à Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), berço da Educação Física brasileira, constituindo, assim, o Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx), utilizado por equipes de atletas nacionais e internacionais.

A partir do exposto, pode ser percebido que ao longo de quase cinco séculos, em tempos de guerra e de paz, a Fortaleza de São João da Barra guardou a entrada da Baía de Guanabara e da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e que, atualmente, preserva o passado atentando para o futuro, tornando-se assim, local de preservação e conservação de parte da memória, do patrimônio e da cultura de nosso país.

## 2.2 GÊNESE

*A recuperação geral do país, além de estar na prática honesta das instituições, se encontra na seleção de sua elite, em que predomine a vocação de bem servir, o espírito público dos homens do governo, o espírito de luta das oposições, o horror à prepotência por parte dos que estão no poder e a capacidade de ostracismo e de cooperação dos que não puderam alcançá-lo pelas eleições.*

*(Mar. CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. 1955, p. 30)*

A Escola Superior de Guerra (ESG) é uma das mais tradicionais escolas de altos estudos de Política e Estratégica do Brasil. Originou-se após a Segunda Guerra (1939-1945), durante a Guerra Fria (1945-1991), quando havia a possibilidade da eclosão de um novo conflito, motivo no qual sustentou sua ênfase nos estudos de ordem militar, e também sua denominação – Escola Superior de Guerra.

Sua criação está intimamente ligada à criação do Curso de Alto Comando, aprovado em 1942, pela Lei do Ensino Militar (BRASIL, 1942), destinado apenas a Oficiais-Generais e Coronéis do Exército, e segundo os artigos 30 e 31 desta Lei, o

Curso de Alto Comando teria por finalidade o estudo das questões referentes ao emprego das Grandes Unidades Estratégicas e à guerra, e ainda, das operações de ordem técnica e do serviço, relacionados com o emprego dessas Grandes Unidades.

Naquele mesmo ano, durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo,<sup>12</sup> em 22 de agosto de 1942, em virtude do ataque a navios brasileiros por submarinos alemães e italianos. Dois anos depois, em 1944, foram enviados 25.334 homens da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combate na Itália, comandados pelo General Mascarenhas de Moraes (MACEDO, 2013).



Fotografia 06 - Desfile da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em 24 de maio de 1944, antes do seu embarque para a Itália. Capitão Tácito Theóphilo à frente do *Pelotão presta continência à Bandeira Nacional e ao Presidente Getúlio Vargas.*

*Fonte: Arquivo da FEB*

A participação da FEB na Segunda Guerra Mundial foi bem sucedida, destacando-se as batalhas de Monte Castelo, Montese e Forno, porém, segundo General Muniz Oliva (1989, p. 11), este grupo de militares ao testemunhar a Itália, uma nação herdeira e detentora da cultura latina, berço da civilização, sendo

---

<sup>12</sup>Aliança política entre os seguintes países: Alemanha, Itália e Japão.

devastada pelo conflito armado e humilhada diante da ocupação de seu solo por tropas estrangeiras, decidiu não aceitar que nosso país sofresse a mesma devastação e humilhação, as quais havia presenciado e também participado.



**Fotografia 07 - Vista aérea do acampamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB) próximo à cidade de Pisa, na Itália, em 16 de outubro de 1944. Área de atuação das Tropas da FEB e do 5º Exército.**

**Fonte: Arquivo da FEB**

Quando a FEB retornou da Itália e um grupo de militares expos tal indignação, juntaram-se a este grupo muitos outros militares e civis, que acreditando que era preciso uma mentalidade moderna na vida pública, orientada para o planejamento e o trabalho técnico, produtivo e pertinente, criaram, assim, um centro de estudos com a missão de desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção e para o planejamento da Segurança Nacional.

Desse modo, a Escola Superior de Guerra teve seu nome oficialmente mencionado no Decreto nº 25.705, de outubro de 1948, que estabelecia as normas para a sua organização, determinando ao então Estado-Maior Geral – posterior Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) e atual Ministério da Defesa (MD), dirigir o Curso de Alto Comando, o mesmo referido pela Lei do Ensino Militar,

direcionado às três Forças Armadas. O artigo 1º deste decreto determina que “O Curso de Alto Comando a que se referem os artigos 25, 30 e 31 do Decreto-Lei 31.130, de 26 de fevereiro de 1942, é tornado extensivo aos oficiais da Marinha e da Aeronáutica e será ministrado sob a direção do Estado-Maior Geral.” (BRASIL, 1948).

Após a expedição do supracitado decreto, em dezembro de 1948, a fim de efetivar o curso, o General Oswaldo Cordeiro de Farias foi colocado à disposição do EMFA, com a missão de presidir uma Comissão de Oficiais, constituída pelo “Coronel Sady Folch, Coronel Aviador Ismar P. Brasil, Tenente Coronel Affonso Henrique de Miranda Corrêa, Capitão de Fragata Celso A. de Macedo Soares Guimarães, e Tenente Coronel Idálio Sardenberg” (FARIAS, 1952, f. 2), com o intuito de elaborar o anteprojeto do Regulamento da Escola, o que culminou na sua própria nomeação para o Comando da ESG.



Fotografia 08 – General Cordeiro de Farias, Comandante da Escola Superior de Guerra, em 1951. Sentado à mesa, em seu gabinete.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Associada a esta Comissão, atuava uma Missão Militar Norte-Americana composta pelo Coronel William J. Werbeck, Coronel Aviador Alvord Van Patten Anderson Junior e Lowe H. Bibby, que a todo custo tentavam induzir a Comissão de Oficiais brasileiros a adotar o regulamento do *National War College* sem restrições,

alegando que da mesma forma que deu certo nos Estados Unidos, também daria aqui. Segundo as próprias palavras do General Cordeiro de Farias: “Eu lutava com eles, mas não conseguia convencê-los. Defendia a tese de que a ESG, como um centro de estudos, não poderia deixar de se ligar profundamente aos alicerces nacionais.” (FARIAS, 1974, p. 2).



Fotografia 09 – Missão Militar Americana, em 1951. À esquerda, Capitão de Mar e Guerra Lowe Hayden Bibby; ao centro, Contra-Almirante Charles Warren Wilkins; à direita, Coronel Aviador Alword Van Patten Anderson.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Diz a tradição oral da Escola que, em 1948, o então General Salvador César Obino, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), em visita ao *National War College*<sup>13</sup>, nos Estados Unidos da América (EUA), fundado em 1946, havia mencionado que, no Brasil, estava sendo implantada uma escola de mesmo gênero que a americana. Tal identificação com a Escola Superior de Guerra dos Estados Unidos gerou a contratação de uma pequena Missão Norte-Americana, formada por

---

<sup>13</sup>Fundado em 1946, tinha como objetivo a criação de uma doutrina própria para estudar e aperfeiçoar a política externa dos Estados Unidos da América no contexto da Guerra Fria, através, principalmente, da perspectiva de segurança coletiva. Sediado em Washington e vinculado ao Pentágono, foi um dos responsáveis pela elaboração da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), disseminada nas principais instituições militares da América Latina.

três militares – um de cada Força: Marinha, Exército e Aeronáutica, orientada em apoiar a implantação da Escola Superior de Guerra, no Brasil.

Conforme o Marechal Cordeiro de Farias:

Isso foi em 1948 e a idéia de Obino era de que a escola deveria estar funcionando já no ano seguinte. Minha primeira resposta foi negativa. Dois dias depois, recebi telegrama de Obino insistindo: 'Principalmente em virtude de sua resposta, quero avisar ao prezado amigo e companheiro que irei propor seu nome ao presidente da República para comandar a ESG. (GÓES, 1981, p. 16)



Fotografia 10 – Visita do General Cesar Obino à Casa Branca, em Washington, Estados Unidos da América (EUA). Presidente Truman e General Salvador Cesar Obino se cumprimentam com aperto de mãos.

Fonte: Arquivo pessoal do General Salvador Cesar Obino

Segundo o General Frago (1971a, p. 4), os fundadores da ESG não pouparam esforços para a organização e definição sobre a Instituição a qual desejava se estabelecer. Servindo em Washington, no primeiro trimestre de 1949, ainda como Tenente-Coronel, testemunhou acordos entre o Brasil e os Estados Unidos para que, visando à possibilidade de um estudo *in loco*, Oficiais brasileiros da

EMFA pudessem conhecer a organização e o funcionamento da *National War College* em suas próprias dependências.



Fotografia 11 – National War College, Washington, DC, USA = Escola Nacional de Guerra (EUA), em 1954. Por ocasião da visita da Comitiva da Escola Superior de Guerra brasileira aos Estados Unidos da América.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Fragoso (1971a, p. 4) ainda afirma que os Oficiais da EMFA também se puseram a estudar outra Escola do gênero. O *Institute des Hautes Études de Defense Nationale*, pioneira na área, criada na França em 1936, antes da Segunda Guerra Mundial também acabou sendo objeto de estudo da ESG. A *Institute des Hautes Études de Defense Nationale*<sup>14</sup> havia sido proposta pelo Almirante Castex, que em obsessiva preocupação com o que ele denominara ‘unidade de guerra’, defendia:

---

<sup>14</sup>Também conhecido como *Institute of Advanced Studies in National Defence*, é uma instituição pública francesa, destinada à especialização na área de Defesa. Está sob a responsabilidade do Primeiro Ministro, e localizada na *École Militaire*. A missão do Instituto é treinar militares e servidores públicos civis para os assuntos de Defesa.

[...] a criação de um instituto superior, onde altos funcionários do Estado e militares da mais elevada hierarquia analisassem, juntos, os problemas de coordenação de t[od]as as atividades que interessassem à Defesa Nacional [...], 'Defesa Nacional com D maiúsculo', como dizem os franceses, englobando não s[omente] o tempo do conflito armado, mas, igualmente, os períodos de tensão, e abrangendo 'una e indivisível', tanto aspectos puramente militares, como aspectos políticos, econômicos, sociais e científicos. (FRAGOSO, 1971a, p. 4)

Fundada pelo General Salvador César Obino, ao lado do General Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República, e General Oswaldo Cordeiro de Farias, após criteriosos estudos, surgia em 20 de agosto de 1949 a Lei nº 785, que cria a Escola Superior de Guerra, que permanece até os dias atuais, com intuito diferente daquele estabelecido no decreto de 1948, tendo como base um documento redigido pelo EMFA, de janeiro de 1949, a partir de um relato do Tenente Coronel Idálio Sardemberg, sob responsabilidade da Comissão presidida pelo General Cordeiro de Farias. Dessa forma, foram elaborados os chamados, sete *Princípios Fundamentais que orientaram a criação da Escola Superior de Guerra*:

1. **A Segurança Nacional** é uma função mais do potencial geral da Nação do que de seu potencial militar.
2. O Brasil possui os **requisitos básicos** (área, população, recursos) indispensáveis para se tornar uma grande **potência**.
3. O **Desenvolvimento** do Brasil tem sido **retardado** por motivos suscetíveis de remoção.
4. Como todo trabalho, a obtenção dessa **aceleração** exige a utilização de uma **energia motriz** e de um **processo de aplicação** dessa energia.
5. O impedimento até agora existente contra o surgimento de **soluções nacionais para os problemas brasileiros** é devido ao processo de aplicação de energia adotado e à falta de hábito de **trabalho de conjunto**.
6. Urge **substituir** o método dos pareceres por outro método que permita se chegar a **soluções harmônicas e equilibradas**.
7. O instrumento a utilizar para a **elaboração** do n[ovo] **método** a adotar e para a sua **difusão**, consiste na criação de um **Instituto Nacional de Altos Estudos** funcionando como **Centro Permanente de Pesquisas**.

(FRAGOSO, 1971a, p. 5, grifo do autor)



Fotografia 12 – Criação da Escola Superior de Guerra (ESG). Presidente Eurico Gaspar Dutra assina a Lei Nº785/1949, em 20 de agosto de 1949, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, na presença do General Cesar Obino, General Cordeiro de Farias, civis e outros militares.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

No entanto, a especialidade em assuntos militares dada ao Instituto a princípio projetado e também a sua denominação - Escola Superior de Guerra, começou a se tornar inadequados diante da posterior alteração dos seus objetivos específicos. Cada vez mais distante de sua congênere americana, a Instituição a ser implantada no Brasil focaria na vida nacional em tempos de paz, refletindo, antes de tudo, sobre o déficit do sistema educacional no país, como afirmou o General Cordeiro de Farias em ato solene que “A Escola Superior de Guerra é filha de americanos, mas naturalizou-se brasileira.” (FARIAS, 1974, p. 2).

Mesmo possuindo denominação imprópria, todas as propostas de mudança do nome da Escola foram frustradas. Segundo o Almirante Ernesto de Araújo, então Comandante da Instituição no ano de 1955, afirmou que a ESG “não é, [...] uma Escola no sentido usual que se confere ao vocábulo, nem o objeto primordial de seus estudos é a Guerra.” (ARAÚJO, 1955, p. 1), ou seja, não se trata de uma escola, tampouco, de guerra, conforme sua tradição. Após um ano, o novo Comandante, Brigadeiro Ajalmar Mascarenhas, salienta que a Escola “[...] é, antes

que um instituto de preparação da guerra, uma Escola de preservação da paz." (MASCARENHAS, 1956, p. 5-6), concluindo que a melhor denominação seria "Instituto de Altos Estudos para a Segurança Nacional", semelhante ao da análoga francesa, alterando somente a expressão 'Defesa Nacional' para 'Segurança Nacional', conceito mais amplo. Em 1968, o General Fragoso (1971b, p.41) afirma que a Escola Superior de Guerra, definida como Instituto de Altos Estudos, de acordo com a lei que a criou, é hoje um Instituto de Estudos Estratégicos, semelhante a outros existentes no mundo, dentre os quais pode se destacar o Instituto francês. No mesmo trabalho, Fragoso recordou a designação proposta pelo Presidente Artur da Costa e Silva<sup>15</sup> - "Instituto de Estudos Superiores da Política Nacional", e por Gilberto Freyre<sup>16</sup> - "Escola de Estudos Superiores Brasileiros". (FRAGOSO, 1971b, p. 40). Logo, esse Instituto deveria funcionar como um centro permanente de pesquisas e de debates de problemas brasileiros.

Conforme palestra proferida por Marechal Cordeiro de Farias, em 18 de maio de 1949 (FARIAS, 1949), na Escola de Estado-Maior do Exército, a EMFA preparava o funcionamento da ESG para o início do ano letivo de 1950, com o apoio da, já citada, Missão Americana, contratada para essa finalidade. Porém, era necessário um ajuste em sua metodologia ainda em 1949, devendo a Escola Superior de Guerra, primeiramente promover a formação do seu quadro permanente em tempo reduzido, tendo como preferência a realidade brasileira, "através de uma *análise objetiva* dos nossos recursos financeiros e da 'situação' dos problemas nacionais, internacionais e militares, em seus aspectos básicos." (FARIAS, 1949, p. 22, grifo do autor).

Em 15 de março de 1950, iniciou-se o ano letivo da primeira turma da ESG, sendo a Aula Inaugural proferida pelo General César Obino, no auditório da antiga Escola Técnica do Exército (ETE<sup>17</sup>), atual Instituto Militar de Engenharia (IME) e que

---

<sup>15</sup>Ministro da Guerra durante o Governo de Marechal Castelo Branco, Marechal do Exército quando assumiu a Presidência da República. Foi o vigésimo sétimo presidente do Brasil, e segundo presidente do regime militar, entre os anos de 1967 e 1969.

<sup>16</sup>Escritor, jornalista, poeta, e um dos maiores sociólogos do século XX. Foi um dos poucos brasileiros a receber alta honraria da coroa britânica, detentor, assim, do título de *Sir*, dado pela Rainha Elizabeth II.

<sup>17</sup>A antiga Escola de Engenharia Militar criada em 1930, que funcionava na rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro, mudou de nome, em 1933, para Escola Técnica do Exército, e em 1934 foi instalada na rua Moncorvo Filho, no Centro do Rio de Janeiro. Em 1942, a sede da ETE foi transferida para o atual prédio do Instituto Militar de Engenharia.

contou com a presença do então Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra<sup>18</sup>.



Fotografia 13 – Primeira Turma da Escola Superior de Guerra (ESG), em 1950. Estagiários em sala de aula.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Desde o início de seu funcionamento, os trabalhos desenvolvidos na ESG não eram voltados a ensinar a solucionar problemas, mas sim, estabelecer e difundir métodos de solução de problemas nacionais através do esforço e trabalho em grupo, tendo como base o binômio Segurança-Desenvolvimento, como assinala Cordeiro de Farias:

A idéia de desenvolvimento passou a ter maior peso depois de 1964, mas já estava presente desde o início da Escola. [...] Enfim, voltando à questão, desenvolvimento e segurança nacional nascem juntos. É claro que, dependendo de quem seja o presidente da República, pode-se ter, numa fase da vida brasileira um certo desequilíbrio: maior preocupação com a segurança ou maior preocupação com o

---

<sup>18</sup>Ministro da Guerra entre os anos de 1936 e 1945, participando da deposição do Presidente Getúlio Vargas. Foi apoiado pelo próprio presidente deposto, Getúlio Vargas, durante as eleições presidenciais, e eleito em 2 de dezembro de 1945. Assumiu a Presidência da República entre os anos de 1946 e 1951.

desenvolvimento. Mas não se pode ter um sem o outro. (GÓES, 1981, p. 25)

No entanto,

[...] não caberia [à Escola Superior de Guerra] tutelar o país, nem sobrepor-se aos órgãos nacionais incumbidos do trato de problemas específicos, cessando o seu interesse pelo assunto com a publicação de monografias e dos estudos que organizasse e julgasse de interesse divulgar. (FRAGOSO, 1971a, p. 9)

O primeiro triênio da Escola foi fundamentalmente dedicado à seleção e tratamento de problemas internos e externos e preparação de sua estrutura doutrinária. Era indispensável à formulação de um conceito estratégico nacional, considerando o potencial econômico e militar do país.<sup>19</sup>

A primeira providência foi a elaboração de um quadro conceitual-teórico, não somente vocabular como um dicionário ou glossário, mas que regulamentasse as diretrizes que a Escola propunha. Assim, a ESG redefiniu os conceitos de ‘defesa’, relacionando-o à lógica da guerra convencional, associando os conceitos de ‘segurança’ de maneira mais abrangente. Conforme General Lyra Tavares:

Segurança é um estado, ao passo que Defesa é um ato ou um conjunto de atos – diretamente ligados a um determinado tipo de ameaça caracterizada e medida. A Defesa organiza-se para o fim especial de repelir um ataque previsto, ao passo que a Segurança, no sentido que a encaramos é estabelecida como doutrina integral contra qualquer tipo de ameaça que ela própria – a Segurança – torna inoperante e desencoraja. (TAVARES, 1964, p. 101)

Esses conceitos ainda orienta as ações da Escola, mesmo sofrendo alguma mudança em sua forma de expressão, mas não em seu conteúdo implícito, apresentando, dessa maneira, a não preocupação com a redação definida dos mesmos, mas sim uma postura adequada sobre esse binômio frente às questões que cada contexto impõe.

Outra preocupação insistente da ESG é a definição dos termos que compõem o binômio Segurança-Desenvolvimento. Castelo Branco (1967) dissertou sobre a causalidade mútua entre os termos, porém foi contestado por um membro do Corpo Permanente, sendo defendido posteriormente por Robert S. McNamara: “Numa

---

<sup>19</sup>Informação obtida através de depoimento de Coronel Montenegro, em visita informal à Biblioteca General Cordeiro de Farias.

sociedade que está se modernizando, segurança significa desenvolvimento. Segurança não é material militar, embora este possa ser incluído no conceito; [...]. [Segurança] é desenvolvimento; e sem desenvolvimento não pode haver segurança.”. (MCNAMARA, 1968, p. 173).

Baseado no que foi exposto, pode ser entendido que a Escola Superior de Guerra acredita que estas qualidades estão interligadas, e que elas têm como objetivo o ‘Bem Comum’. Portanto, pode ser observado nesta subseção, mediante a prova documental levantada na própria Instituição, que os sessenta e cinco anos de sua existência são produto de uma sequência de causas que culminaram na sua criação, tendo como razão de ser a tentativa de assegurar a Segurança, o Desenvolvimento e a Paz em nosso país.

### 2.3 A BIBLIOTECA GENERAL CORDEIRO DE FARIAS: UM ESPAÇO DE MEMÓRIA

A Biblioteca da Escola Superior de Guerra foi criada com a própria Instituição, em 1949, de acordo com o esboço do primeiro documento referente à implantação e funcionamento da Escola Superior de Guerra (ESG), intitulado *Dados para justificação da mensagem presidencial encaminhando o projeto de concessão de verbas necessárias à organização, instalação e funcionamento da “Escola Superior de Guerra”*. Nele, o General Salvador Cesar Obino (1949, f. 5) previa a necessidade de extenso e selecionado material de pesquisa e um ambiente favorável para que seus estagiários pudessem, assim, desfrutar e usufruir das melhores fontes bibliográficas nas áreas interessadas.



Fotografia 14 – General do Exército Salvador Cesar Obino.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Baseando-se na biblioteca da *National War College*, a Missão Americana sugeria que “o sucesso dos estudos e da futura Escola Superior de Guerra dependerá, em grande parte, da prévia organização de uma excelente biblioteca, capaz de servir de fonte de consulta aos professores e alunos, pois ela é ‘a sua ferramenta de trabalho’” (OBINO, 1949, f. 5).

Logo, a biblioteca da *National War College* era considerada uma das melhores e completas bibliotecas existentes entre os estabelecimentos de ensino americano. Seu acervo havia sido formado a partir das mais importantes bibliotecas pertencentes às unidades de defesa americanas, inclusive, as que surgiram durante a Segunda Guerra Mundial, sendo ao longo do tempo atualizada com os mais modernos livros e periódicos de acordo com seu ensino.

Segundo o General Obino, o acervo fundador da Biblioteca da ESG, posteriormente batizada como Biblioteca General Cordeiro de Farias, era composto por livros da biblioteca da *National War College* que o Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) e a Missão Americana, contratada pelo Brasil, conseguiram adquirir:

O Estado Maior das Forças Armadas já adquiriu por intermédio de nosso adido em Washington, uma b[ol]a parte daqueles livros e a Missão Americana trouxe inúmeras publicações interessantes especialmente com relação ao planejamento de operações combinadas e a documentação sigilosa usada em diferentes escolas militares dos Estados Unidos. (OBINO, 1949, f. 5)

Esse acervo fundador era, até então, o único material existente para a formação da Biblioteca da Escola Superior de Guerra, devendo ser tecnicamente processado – catalogado, classificado e indexado, sob a responsabilidade do Serviço de Intercâmbio de Publicações do Ministério da Fazenda, a fim de que os estagiários da ESG também pudessem usufruir de itens provenientes das demais bibliotecas do país e de outras instituições previstas no serviço de intercâmbio.

Para suprir a necessidade de seus estudos e pesquisas, era previsto que os estagiários da ESG pudessem consultar arquivos de Ministérios e outras instituições de ensino, servindo a eles, assim, como fontes fidedignas de informação, desde que estivessem disponíveis em catálogos.

A produção intelectual advinda da conclusão dos cursos ministrados pela Escola Superior de Guerra também comporia o acervo da Biblioteca, já que através da pesquisa e estudo, o estagiário, agora especializado, deveria dissertar uma monografia completa sobre determinado assunto específico:

Todos os trabalhos dos grupos e as monografias deverão ser impressos na Escola e destinados exemplares para a Biblioteca e para os órgãos governamentais ou militares interessados. Haverá um perfeito sistema de controle dessas publicações, em sua maioria, altamente secretas. (OBINO, 1949, f. 7)

No entanto, ainda era necessário destinar verbas para a organização inicial da biblioteca da ESG, para a aquisição de apenas 500 (quinhentas) a 600 (seiscentas) obras científicas e técnicas (OBINO, 1949, f. 9).

Como não havia edifício próprio, a Escola Superior de Guerra e sua Biblioteca, a princípio ficaria alojada, provisoriamente, à Rua Barão de Mesquita, no Andaraí, na antiga sede da Escola de Estado-Maior do Exército, para que ali pudessem preparar os programas e habilitar seu corpo permanente de professores e alunos para seu funcionamento, em 1950 (OBINO, 1949, f. 7).



Fotografia 15 – Hasteamento da Bandeira Nacional, na década de 1950, por oficiais de cada uma das três forças singulares, à entrada do prédio do Comando da Escola Superior de Guerra na Fortaleza de São João.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Conforme relato da bibliotecária aposentada Judith Lacaz (informação verbal)<sup>20</sup>, que trabalhou na Biblioteca General Cordeiro de Farias entre os anos de 1983 e 1992, a partir do estabelecimento da Escola Superior de Guerra na Fortaleza de São João, no início da década de 1950, a Biblioteca funcionou durante muitos

---

<sup>20</sup>Depoimento colhido durante visita da bibliotecária Judith Lacaz à Biblioteca General Cordeiro de Farias, em 12 de novembro de 2014.

anos no interior do prédio do Comando, batizado de Prédio Marechal Cesar Obino, até sua transferência permanente para o prédio anexo da Escola Superior de Guerra, denominado Prédio Marechal Juarez Távora.



Fotografia 16 – Prédio do Comando da Escola Superior de Guerra, em 1952, atual Prédio Salvador Cesar Obino. No térreo, no lado esquerdo, abrigava a Biblioteca da ESG.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Ainda, segundo Lacaz (informação verbal)<sup>21</sup>, trabalhavam na Biblioteca muitas bibliotecárias e auxiliares de bibliotecas, principalmente no processamento técnico de itens que chegavam a todo o tempo. O acervo da Biblioteca ia crescendo cada vez mais, de acordo com cada ano que era concluído, em função da produção acadêmica da Escola e necessidades de referências cada vez mais atualizadas a cada estudo que era feito. Assim, já instalada no novo prédio a Biblioteca General Cordeiro de Farias já contava com um extenso acervo, contendo livros, folhetos, monografias (TCCs e TGs), periódicos e materiais de áudio.

---

<sup>21</sup>Idem.



Fotografia 17 – Prédio Marechal Juarez Távora, no início dos anos 1980. A Biblioteca, agora denominada General Cordeiro de Farias, ocupava todo o primeiro andar do edifício.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

A Biblioteca General Cordeiro de Farias aos poucos ia se modernizando, e à medida que ia progredindo, tornou-se uma biblioteca frequentada por inúmeras personalidades da vida política do país, devido ao especializado acervo que continha, a saber, obras nas áreas de política, economia, militar, psicossocial, científica e tecnológica. Com isso, foi tornada pública para usufruto de pesquisadores interessados.

Sob nova gestão, em abril de 1980, a Biblioteca da ESG começou a otimizar seus serviços e se reorganizar. Intensificou contatos, firmou intercâmbio com outras instituições, como o CNPq e o IBICT, tendo em vista um *networking* técnico e científico. Ainda, iniciou a elaboração de manuais, a saber, *Manual de Documentos Normativos*, *Manuais de Atribuições da Divisão de Documentação e Divulgação e Seções subordinadas*, *Manual de Serviços Auxiliares*, *Manual de Rotinas da Seção de Assuntos Sigilosos*, *Manual de Rotinas dos Serviços Auxiliares da Divisão de Documentação e Divulgação*. De acordo com projeto em pauta na época:

Al[é]m dos Manuais Organizacionais, estão se processando a reorganização da Biblioteca, catalogação de novos livros, eliminação de publicações em excesso, visando a racionalização física e liberação de caixas-arquivos, propiciando com estas medidas, economias operacionais e financeiras. (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil), 1980, p. 14 - 2)

Com isso, a Biblioteca foi submetida a um projeto com o apoio do FINEP, tratando-se de um projeto pioneiro na Instituição, desenvolvido pela sua unidade executora – Divisão de Documentação e Divulgação. Tal intento seria assessorado tecnicamente por órgãos de renome, como a SERPRO e a FGV. À primeira caberia a execução de serviços ligados a microfilmagens, produzindo assim microfilmes e microfichas, visando à preservação e conservação de todos os documentos, em sua maioria, de inestimável importância para a memória da Escola. Por sua vez, a FGV seria responsável pela automação, catalogação, e transcrição para o formulário CALCO (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil), 1980).



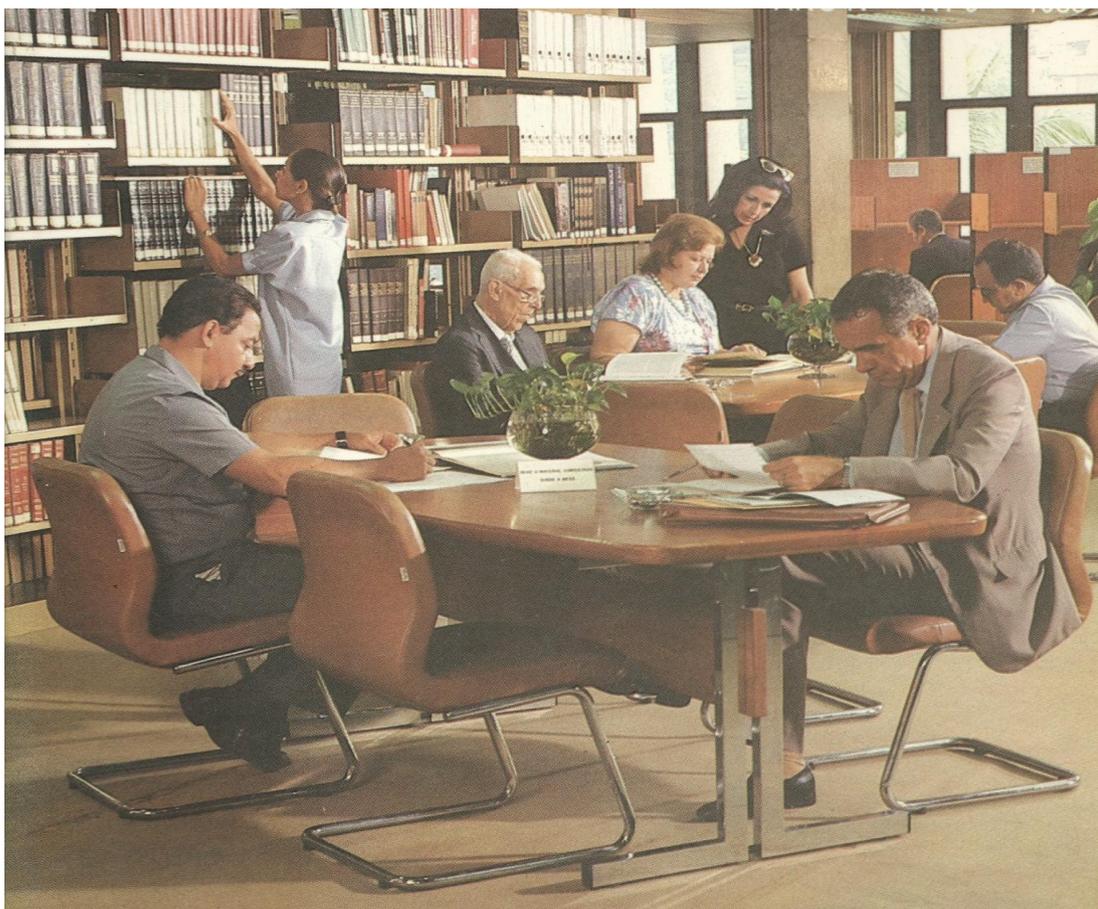
Fotografia 18 – Visita da Escola Superior de Guerra ao Centro Nacional de Treinamento, Unidade Regional de Operações da SERPRO, na década de 1970.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

O projeto previa, assim, a seleção de profissionais da área de Biblioteconomia, Arquivologia, e auxiliar de Biblioteconomia, treinamento especializado em CALCO, assessoria de supervisão de serviços, tendo em vista minimizar falhas e reajustar procedimentos, processamento de dados via perfuração de fichas em equipamento IBM, revisão de serviços efetuados, entre outros.

De acordo com o texto justificativo que objetiva o Projeto:

[...] torna-se necessário dotar a Biblioteca dos meios indispensáveis para propiciar-lhe tecnologia adequada ao rápido acesso a recuperação das informações bibliográficas e documentárias, de interesse para atender sua crescente demanda, não só pelo Corpo de Estagiários, Corpo Permanente e Corpo Administrativo da Escola, como também por Instituições afins que constantemente necessitam utilizar-se do nosso acervo, como por exemplo a Escola de Guerra Naval, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, a Escola Naval, a Associação dos Diplomados da ESG, entre outras. (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil), 1980, p. 1)



Fotografia 19 – Salão de leitura da Biblioteca General Cordeiro de Farias, no Prédio Marechal Juarez Távora, em 1988. À estante de livros, a bibliotecária Maria Judith Antunes Lacaz, sentado à mesa, com óculos escuros, do lado direito da imagem, Cel. Montenegro. Ambos entrevistados durante a execução deste trabalho. Esta imagem foi capturada para compor a capa Revista da Escola Superior de Guerra, ano 4, n. 9, 1988. Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Faria/ESG

Assim sendo, é importante saber que todo o material originado na Escola Superior de Guerra, bem como a produção intelectual procedente dos cursos, inclusive conferências e palestras pronunciadas, eram depositadas na Biblioteca General Cordeiro de Farias. Na Escola eram convidados Ministros de Estado e representantes dos três poderes para expor sistematicamente sobre suas funções e responsabilidades. Foi a partir desse conjunto acumulado de material depositado na Biblioteca que eram projetados ensaios para o planejamento e a avaliação da economia, da política, da segurança, do desenvolvimento, da infraestrutura, de programas regionais, e de programas básicos na educação, cultura, saúde pública, habitação, trabalho e previdência no país (BRUM, 1989, p. 24).

Segundo o Regimento Interno da ESG, aprovado em 1988, a Biblioteca era denominada *Divisão de biblioteca, Intercâmbio e Difusão (DBID)*, sendo um órgão de assessoria do Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, e era de responsabilidade deste departamento:

Art. 29. À [...] DBID – compete:

I - coordenar e supervisionar as atividades de Intercâmbio e de Difusão a cargo do D[epartamento de] E[studos];

II - executar as atividades de intercâmbio e de difusão cultural, de âmbito nacional e internacional, que lhe forem confiadas;

III - assessorar a Chefia do DE no que respeita às atividades de intercâmbio, de difusão cultural, de documentação, e de biblioteconomia, da ESG;

IV - organizar, conservar e manter os serviços de documentação, fitoteca e biblioteconomia da ESG, prestando-lhe o apoio necessário ao bom desempenho de suas necessidades.

Parágrafo único. A DBID conta com Biblioteca, Serviço de Editoração, Seção de Publicações Sigilosas e Seção de Documentação Audiovisual, com organizações e competências estabelecidas mediante ato do Comandante da ESG. (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil), 1988, p. 24)

Contudo, podemos citar alguns registros que contribuíram para a tomada de decisões, no que tange o planejamento do país, como o *Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (1963-1965)*, documentos, trabalhos e conferências de Marechal Humberto Castelo Branco que denotam visível interesse na ação administrativa, antes, como estagiário da ESG, e durante seu mandato presidencial, o *Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico (1967-1976)*, e o *Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República (1986-1989)*. Todos estes trabalhos foram desenvolvidos através da produção acadêmica da Escola Superior

de Guerra, que eram estudos de casos a fim de solucionar problemas do cotidiano brasileiro, inclusive nas relações exteriores.



Fotografia 20 – Salão de leitura da Biblioteca General Cordeiro de Farias, no Prédio Marechal Juarez Távora, em 1989. Esta imagem foi capturada para compor a capa Revista da Escola Superior de Guerra, ano 5, n. 13, 1989.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Faria/ESG

Logo, dentre os quase 60.000 (sessenta mil) itens existentes em seu acervo, pode-se afirmar que os trabalhos individuais dos estagiários da ESG, de todos os anos, estão disponíveis na Biblioteca. Dentre eles, muitos são de personalidades importantes de nossa história. Estando a autora do presente trabalho ciente da participação de figuras públicas nos cursos da ESG, buscou através de um livro de formandos da Escola (ALMANAQUE, 1999), ao menos citar alguns dos mais representativos. A seguir, a relação de todos os Presidentes da República, que outrora cursaram a Escola Superior de Guerra:

- General **Eurico Gaspar Dutra**

Ano que cursaria CSG/ESG: **1950** (não cursou, entretanto, recebeu o título de *Honoris Causa* em 22 de dezembro de 1950)

Mandato:

31/01/1946 – 31/01/1951

- Advogado **Paschoal Ranieri Mazzilli**

Ano que cursou CSG/ESG: **1953**

Mandato:

1º Período: 25/08/1961 – 07/09/1961

2º Período: 02/04/1964 – 15/04/1964

- Marechal **Humberto de Alencar Castello Branco**

Ano que cursou CSG/ESG: **1956**

Mandato:

15/04/1964 – 15/03/1967

- General **Ernesto Geisel**

Ano que cursou CSG/ESG: **1953**

Mandato:

15/03/1974 – 15/03/1979

- General **João Baptista de Oliveira Figueiredo**

Ano que cursou CEMCFA/ESG: **1960**

Mandato:

15/03/1979 – 15/03/1985

- Advogado **Tancredo de Almeida Neves**

Ano que cursou CEMCFA/ESG: **1957**

Eleito em:

15/01/1985 – faleceu em 27/03/1985, sem exercer o mandato.

- General **Emílio Garrastazu Médici**

Ano que cursaria CSG/ESG: **1969** (não cursou, entretanto, recebeu o título de *Honoris Causa* em 13 de março de 1970.

Mandato:

30/10/1969 – 15/03/1974



Fotografia 21 – Turma do Curso Superior de Guerra/ESG, de 1956, Patrono Alberto Santos Dumont. Na segunda fileira, sétima posição, Marechal Castelo Branco.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG



Fotografia 22 – Turma do Curso Superior de Guerra/ESG, 1957. Patrono Teófilo Otoni. Na primeira, quinta posição, Tancredo Neves; na décima quinta posição, Marechal Castelo Branco.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

De acordo com um comunicado assinado pelo 2º Sargento Raimundo Damião Pereira de Sousa, em 19 de agosto de 1999, era desejo do Comandante da ESG de 1971, General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, a criação de um Museu da ESG. O 2º Sargento havia guardado fotografias e organizado, em sua residência, um álbum para que fossem possivelmente utilizados no Cinquentenário de criação da Escola

Superior de Guerra. Tal informação pode ser atestada de acordo com o teor do comunicado:

Restituo-vos as fotografias antigas constantes do anexo, com as seguintes informações:

Dias antes de deixar o Comando da ESG, o então Exmo. Sr. Gen Ex RODRIGO OCTÁVIO JORDÃO RAMOS, mandou [e]ntregar no Departamento de Administração e por mim recebidos, 2 (dois) pacotes contendo fotografias antigas, destinadas ao “futuro museu da ESG” (palavras textuais do portador).

As fotografias foram guardadas por mim durante vários anos. Com minha transferência para a Reserva Remunerada, em 9 de abril de 1981, trouxe-as para minha residência, com o objetivo de preservá-las da destruição e posterior devolução, pois tratava-se de uma parte da “memória” da nossa Escola. (SOUSA, 19 ago.1999)

Diante do que foi apresentado, é certificado o reconhecimento do valor mnemônico do acervo documental existente na Biblioteca General Cordeiro de Farias. Por ocasião dos seus 65 (sessenta e cinco) anos de existência, cabe lembrar a importância da preservação e conservação de seu acervo que compõe registro comprobatório de sua trajetória, constituindo, assim, parte de um todo que representa a memória e a história de uma Instituição e, conseqüente, memória social de nosso país.

#### 2.4 A ESG NOS ÚLTIMOS TEMPOS<sup>22</sup>

A Escola Superior de Guerra ao longo dos anos teve vários Comandantes. O primeiro foi o General Cordeiro de Farias, que também foi o Diretor de Estudos da Instituição. Este foi sucedido pelo Marechal Juarez Távora, e já a partir desta época foi estabelecido um sistema de rodízio, sendo a Escola comandada alternadamente por oficiais-generais, posto mais alto das três Forças Armadas – Marinha, Exército e Aeronáutica.

---

<sup>22</sup>Informação verbal obtida através de diálogos com diversas pessoas do Corpo Permanente da ESG, durante toda a confecção deste trabalho.



Fotografia 23 – General de Divisão Oswaldo Cordeiro de Farias. Comandante da ESG no período de 01/09/1949-11/12/1952.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG



Fotografia 24 – General de Divisão Juarez do Nascimento Fernandes Távora. Comandante da ESG no período de 11/12/1952-20/08/1954.  
Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Convém destacar que, a partir de 1973, passaram a ser admitidas representantes do gênero feminino no Curso Superior de Guerra (CSG). A denominação deste curso foi meados de agosto de 1985, quando por Decreto nº 91.536, de 16 de agosto de 1985 (BRASIL, 1985, p. 12122), teve seu conteúdo programático atualizado, o que resultou na mudança de seu nome para Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE).



Fotografia 25 – Representantes do gênero feminino da Escola Superior de Guerra (ESG), em meados dos anos 1970.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

A criação do Ministério da Defesa através da Lei Complementar Nº 97, de 09 de junho de 1999 (BRASIL, 1999), fez com que a ESG deixasse de estar ligada diretamente à Presidência da República, por meio do EMFA, para estar subordinada à Secretaria de Política, Estratégia e Assuntos Internacionais (SPEAI) e, em seguida, à Secretaria de Estudos e de Cooperação (SEC). Essa alteração em sua subordinação acarretou a mudança do nível hierárquico do Comando da Escola,

refletindo em toda a sua estrutura organizacional, iniciando, assim, um período de indefinições, incertezas e questionamentos sobre sua existência.

Mas a ESG resistiu, e até hoje já são contabilizados mais de 8.000 (oito mil) estagiários diplomados, dentre eles, 5 (cinco) Presidentes da República, 45 (quarenta e cinco) Ministros de Estado, 20 (vinte) Senadores, 31 (trinta e um) Deputados Federais, diplomatas, Oficiais-Generais, além de personalidades do cenário nacional que passaram por ela para discursos e conferências.



Fotografia 26 – Da esquerda para a direita, Senador Mario Covas, Almirante de Esquadra Bernard Davis Blower – então, Comandante da ESG, Deputada Sandra Cavalcanti, Deputado Luiz Inácio da Silva – Lula, Senador Roberto Campos, em 22 de junho de 1987, para compor mesa de conferência.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG



Fotografia 27– Presidente da República Fernando Henrique Cardoso na ESG, no final dos anos 1990.

Fonte: Biblioteca Gen. Cordeiro de Farias/ESG

Com o objetivo de unir os diplomados pela ESG e difundir seus conceitos doutrinários, seu método de trabalho e planejamento estratégico, foi criada, em 7 de dezembro de 1951, a Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).

Em dezembro de 2004, sugerindo o aperfeiçoamento de sua estrutura e principalmente o retorno do Comando da ESG a um oficial-general de alto posto, criou-se uma comissão composta por integrantes da Escola, da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), ex-comandantes e ex-integrantes do Corpo Permanente. Em 2005 essas propostas foram aceitas e a Escola passou a ser subordinada diretamente ao Ministro de Estado da Defesa.

Após esse período, constatou-se grande necessidade de formação de recursos humanos a fim de exercer funções específicas no Ministério da Defesa, tendo e vista a recuperação do prestígio da ESG na esfera governamental como um estabelecimento de ensino de excelência e de grande valia no contexto nacional. Assim, a solução adequada para a capacitação de novos quadros foi a criação de cursos na capital federal, mantendo no Rio de Janeiro o funcionamento do estabelecimento já existente. Assim, foi fundado em 2011 o *campus* ESG - Brasília, reaproximando a Escola do centro político administrativo do País.

A Escola Superior de Guerra se notabiliza desde a sua criação como um Instituto de ideias abertas ao debate livre, funcionando como Centro Permanente de Estudos e pesquisas, e tem como missão planejar, coordenar e desenvolver os cursos que são estabelecidos pelo Ministério da Defesa, e tem como missão desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção e planejamento da Segurança Nacional.



Fotografia 28 – Turma CAEPE/ESG - 2014, “65 anos estudando o Brasil”, em visita a Escola Naval, na Ilha de Villegagnon, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 5 de novembro de 2014.  
Fonte: Sítio Oficial da Escola Superior de Guerra

### 3 A FOTOGRAFIA COMO PARTE INTEGRANTE DA MEMÓRIA

*Mas o silêncio não é o nada. Na sua incompletude há presença. Uma presença que também é ausência. Há possibilidade de criação, de atualização, de diferença.*

(COSTA, 1997, p. 36)

A Biblioteca General Cordeiro de Farias constitui um repositório da memória da Escola Superior de Guerra, tornando-se, assim, unidade de salvaguarda de todas as espécies de documentos produzidos pela Escola. Diante de todo o material disponível em seu acervo, devido ao seu valor testemunhal e comprobatório, neste trabalho foi escolhido apresentar a importância em se construir uma memória institucional com o apoio de documentos fotográficos.

Ciente de que a Biblioteconomia é a área do conhecimento que se preocupa não somente com a organização e disseminação do conhecimento, mas também de salvaguardar documentos, em diferentes suportes, com a finalidade de tratá-los para posterior recuperação da informação neles contida, este trabalho tem como base construir a memória da Escola Superior de Guerra através de seus documentos históricos, especialmente sua coleção de fotografias, que por si mesmas, representam testemunho imagético dos sessenta e cinco anos de sua criação.

A memória dessa Instituição é de cunho coletivo e nacional, e compõe importante arsenal de informações para que possam ser compreendidos os processos sociais, culturais, políticos e econômicos de um período em que nosso país passou por diferentes reformulações em sua administração, quando simultaneamente uma variedade de intelectuais e políticos buscavam fundamentos para estudar a nação, com interesse de modernizar o Estado brasileiro.

Contudo, é pertinente apresentar, primeiramente, as ações que foram e as que ainda estão sendo realizadas quanto ao tratamento dessa massa documental imagética. A princípio, foi localizado e reunido, por mim, todos os álbuns e fotografias avulsas encontradas até o presente momento na Biblioteca General Cordeiro de Farias. Em seguida, foi organizado em ordem cronológica todo o material reunido. A autora deste trabalho, carecendo de informações que identifiquem os componentes iconológicos das fotografias e sem tempo hábil para tanto, neste momento, ainda não deu início ao seu processamento técnico. Porém, sinalizou as autoridades competentes e interessadas da Escola Superior de Guerra

quanto à existência das mesmas, inclusive alertando quanto ao risco de significativas perdas materiais e do seu atual estado de fragilidade devido ao processo de deterioração, como acidez, embranquecimento, climatização inadequada, principalmente pela localização litorânea da Biblioteca - vulnerável ao calor, umidade e maresia. No entanto, a responsável por essa comunicação – a autora, conseguiu o apoio de profissionais recém-lotados na Biblioteca e idealizou, para um futuro próximo, a realização de um projeto que possivelmente será denominado *Resgate*, a fim de conseguir recursos necessários, através de empresas financiadoras, para que sejam tomadas as devidas providências em prol da conservação e preservação das coleções de memória da Instituição, começando pelo acervo iconográfico. Para que esse cenário prospectivo seja viabilizado, as fotografias que neste trabalho foram inseridos formarão uma exposição *in loco* na própria Instituição, sendo disponibilizada também *online*, no sítio oficial da Escola Superior de Guerra.

Justificando a relevância deste estudo, é necessário utilizar como base teórica autores como Le Goff, Dodebei e Costa, que buscam explicar a relação do documento com a memória social através do consciente coletivo, ciente também, a partir dos estudos de Smit, Mannini, Tálamo e Maimone, que a fotografia, como documento primário, e até mesmo secundário, é passível de diversas interpretações – já que a imagem é por natureza polissêmica – e que, portanto, deve ser tratada e analisada de maneira especial e específica, em cada caso, por um profissional preparado, como bibliotecários, documentalistas e arquivistas.

Smit (1987, p.106), por exemplo, nos adverte do papel do analista ao se defrontar com o tratamento dos documentos imagéticos que ela denomina de “condições de análise”. Além do tratamento pertinente aos elementos de conservação e preservação já citados anteriormente e devidamente apresentados à instituição, podemos fazer referência, de acordo com a autora, da importância da descrição da imagem representada e do perigo que o analista pode correr ao não contextualizar corretamente aquilo que a imagem registra. A apropriação de legendas e/ou descrições já afixadas nas fotografias, por exemplo, pode (em alguns casos) nos salvaguardar desse tipo de problema. Mas, adverte a autora:

A grande dificuldade na análise de imagem consiste nesta separação entre a denotação (o que a imagem mostra) e a conotação (o que a sociedade – e o bibliotecário – vêem, ou

querem ver, na imagem), sabendo ainda que muitas vezes a legenda ou o contexto já nos desviam, subrepticamente, para a conotação. (SMIT, 1987, p.106)

Nesse sentido, o conhecimento do analista sobre o usuário e acerca do acervo é imprescindível para uma análise mais apurada. Mas entendemos ainda que o conhecimento do acervo passa por uma compreensão do tipo de imagem a ser analisada, do tipo de imagem retratada e de sua inserção institucional.

Assim, baseada nas explicações de Costa sobre instituições (1997, p. 6), temos que a ESG, como uma instituição, foi idealizada para sanar necessidades e problemas da sociedade em determinado período histórico. A possibilidade de um novo conflito, por exemplo, a legitima como instituição propriamente dita, justificando, assim, as ações de poder exercidas por ela, independente do tempo e do espaço que estas ações ocorram, deixando rastros que podem ser recuperados no futuro, formando, desta maneira, um legado ou uma herança histórica, social e cultural. Nesse contexto,

Uma instituição pode ser analisada em sua gênese, quando se constitui historicamente, para trazer à luz a articulação de seus discursos, de suas técnicas, como relações de saber que se dão em práticas sociais, a fim de que daí se extraiam as matrizes que tornaram possível sua emergência. (COSTA, 1997, p. 5).

E uma instituição pode ainda ser estudada e naturalmente interpretada à luz de sua documentação imagética. Ao buscar a monumentalização de seus documentos, no caso, as fotografias, pode ser possível em um exercício especializado fazer delas um poderoso instrumento analítico e descritivo de um contexto a ser representado (LE GOFF, 1984).

Logo, os documentos institucionais constituem um patrimônio, e dependendo de sua atuação no campo social, esse patrimônio pode, ou não, ser reconhecido como um legado cultural e histórico de uma sociedade, “pois a memória, como alvo político, passa por determinados discursos e está aliada aos critérios de verdade vigente na sociedade.” (COSTA, 1997, p. 5). Assim,

[...] O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O

documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira [...] (LE GOFF, 1984, p. 547 - 548).

As instituições eclodem no centro da sociedade como “formas fundamentais de saber-poder” na proporção simétrica do ato de lembrar e esquecer (COSTA, 1997, p. 5). Deste modo, a memória deve se fazer representável, para que seja resguardada do esquecimento, pois a ausência desta representação inibe a possibilidade desta memória ser recuperável. Assim, os discursos, pronunciamentos e conferências, configuram o exercício do poder, que em conjunto com as fotografias são capazes de se fazer fixos na medida em que são documentos registrados. Neste caso, as fotografias associadas à memória podem produzir um tipo de “história ilustrada”, apresentando-se como vestígios e por vezes buscando reproduzir a prova do testemunho real.

É nesse contexto que cabe nos apropriarmos do sentido de documento proposto por Dodebei (2000) que atenta para a intencionalidade e o caráter circunstancial da introdução de atributos memorialísticos para a transformação de determinados objetos, no caso as fotografias da instituição.

É nesse sentido, que talvez possamos afirmar que esse “desejo de memória” indicado pela ESG faz dos documentos fotográficos uma memória registrada que deve se fazer representável, para que seja resguardada do esquecimento.

Os discursos, pronunciamentos e conferências configuram o exercício do poder, poder este que se fixa, se estabelece, se institucionaliza. Nesse sentido, algumas dessas imagens tratadas pelo analista ainda que derivem de um projeto “isento” de conteúdo ideológico, por exemplo, não podem deixar de ratificar o discurso do poder dando condições ao usuário de ter a percepção da força emanada de alguns tipos de projetos ou propósitos.

Na verdade, o que deve aparecer na análise documentária de imagens são informações objetivas contidas na fotografia: dados concretos sobre o referente. Tais dados podem ser ratificados através de outros documentos, escritos ou iconográficos, mas a primeira informação deve partir exclusivamente da imagem que se analisa. [...] Ou seja: o fotógrafo utiliza-se da linguagem fotográfica para expressar seu discurso (ideológico, político, estético, etc.) – e esta parte relacionada à produção e às técnicas da imagem fotográfica não interessam à análise documentária. A representação daquele discurso aparece como realidade: o referente da imagem “foi”, “existiu”. A preocupação analítica, esta sim, cabe ao profissional

da informação, mas a preocupação com a História não fica a seu cargo. O objetivo do profissional da informação deve ser analisar exclusivamente a imagem e seu referente. Na representação da imagem há um referente genérico e outro específico, sendo que o reconhecimento deste último não é automático, uma vez que supõe conhecimentos prévios, também específicos. [...]. (MANNINI, 2001, p. 129, grifos da autora)

Assim, ao olharmos muitas dessas fotografias que ilustram esse trabalho, não podemos deixar de perceber a força discursiva dessas imagens representadas. Ou, de uma intencionalidade patrimonial quando lemos o fragmento anteriormente apresentado, datado de 1999, em que Sousa, ao devolver “fotografias antigas”, vestígios de uma memória institucional, para comporem um museu da instituição demonstra uma clara percepção do valor documental de tais registros.

Fazendo a junção das ideias de Costa (1997) e Maimone e Tálamo (2008), a lembrança está vinculada àquilo que está ordenado, que mediante a organização em sua representação documentária, acaba sendo salvaguardado e passível de recuperação, tendo em vista a construção de saberes e geração de conhecimento. Por sua vez, o esquecimento está ligado à desorganização, ao desequilíbrio frente ao caos documentário, ocasionando a perda ou a não construção daquilo que deveria ser conhecido ou lembrado.

Ao juntar a fotografia ao documento escrito, tendo o apoio, em alguns casos, de fontes orais, a memória institucional começa a se fazer presente, colaborando para a construção de uma memória social que acaba por ditar a história (COSTA, 1997).

Conforme Le Goff (1984, p. 95-96), o documento, neste caso especial, as fotografias, compõem parte integrante da memória, pois servem como forma testemunhal e comprobatória a trajetória da história a ser escrita, não estando isento de intencionalidade. Contudo, esses documentos reunidos numa coleção também podem ser reconhecimentos como verdadeiros monumentos, já que esse conjunto evidencia o poder e “pode evocar o passado, perpetuar a recordação [...], voluntária ou involuntária [ao] reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, 1984, p. 95). Ainda para Dodebei (2000, p. 62), a ordenação dessas fontes de informação, já são tidas como documentos, visto que selecionadas pelo homem, pertencem a uma coleção mnemônica.

Fustel, na década de 1960, declarou que “Não há história sem documentos” (FUSTEL apud LE GOFF, 1984, p, 98), o que pode ser fundamentado por Lefebvre, em meados dos anos 1940, ao afirmar que “se dos factos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles factos perderam-se” (LEFEBVRE apud LE GOFF, 1984, p, 98), que de acordo ainda com a afirmação de Samaran (apud LE GOFF, 1984, p. 98), devemos ampliar o sentido da palavra ‘documento’, englobando também os documentos escritos, sonoros e, sobretudo, os imagéticos e ilustrados. Consequentemente, através dos documentos, a memória coletiva é estabelecida como patrimônio cultural, gerando novas fontes de informação por meio da história corrente.

Block (apud LE GOFF, 1984, p. 101), no início da década de 1940, escreveu que os documentos não aparecem em todos os lugares por intervenção divina, mas que a presença ou a ausência destes no fundo dos sistemas de informação, como em bibliotecas e arquivos são decorrentes da escolha humana, para que sejam recuperados como herança de gerações futuras. Inclusive, conforme Dodebei:

A formação de conjuntos de registros para espelhar a síntese de aspectos de determinada cultura ou culturas, em uma leitura mais concreta, é representada pela intencionalidade na localização de vestígios, artefatos, textos, objetos, monumentos, com o intuito de interpretar os fatos históricos e sociais. A reunião desses registros proporciona uma fonte inesgotável de informação potencial, à espera de interlocutores, que agregarão a esses a sua tábua cultural, ou seja, sua experiência e vida, unida à sua capacidade de associação. (DODEBEI, 2000, p. 61)

Desta forma, ao reunir e selecionar a maioria dos documentos pertinentes a esse estudo de caso, buscou-se extrair as informações necessárias dessas fontes, que interpretadas, visam à recuperação de uma memória, e registradas, agem em prol do conhecimento do passado da Escola Superior de Guerra, fazendo parte de um ciclo em que a presente produção torna-se fonte de informação para posteriores pesquisas.

No entanto, este trabalho não teve a intenção de tecer uma análise documentária das fotografias, que seria o processamento técnico, tendo em vista a sua catalogação e sua indexação, mas ciente da importância que a análise documentária possui, e levando em conta as informações possíveis de serem

recuperadas a partir de sua síntese, é resolvido dissertarmos um pouco sobre o assunto.

Segundo Smit, “a descrição de uma imagem nunca é completa” (SMIT, 1987, p. 100). Os profissionais da informação que lidam com esse tipo de material em seu processamento técnico precisam estar mais atentos aos mínimos detalhes, para extrair o máximo de informação, inclusive as menos evidentes.

As fotografias podem ser capturadas de diferentes maneiras, possibilitando, ASSIM, uma diversidade de resultados de um mesmo registro. Essa versatilidade da fotografia tanto a alcança como a distancia do documento escrito (SMIT, 1987, p. 102). Assim, o ato de analisar um documento imagético acaba por se ocupar da tradução em diferentes níveis, decodificando o ícone para a linguagem verbal.

Essa decodificação, em termos de descrição e indexação a difere do documento escrito, segundo as suas condições de análise e interpretação, atentando para a necessidade de um tratamento documentário específico por parte dos profissionais da informação. Esses profissionais precisam de tato para determinar as diferentes leituras de uma fotografia, requerendo imparcialidade ou neutralidade à execução à descrição de uma imagem, seja ela em linguagem denotativa ou conotativa.

Mas de acordo com Smit,

[...]: a análise de imagens não precisa chegar a uma especificidade muito grande, mantendo portando uma amplitude suficiente para que, a qualquer pergunta, se possa selecionar ao redor de 30 imagens que respondam à pergunta [do pesquisador]. (SMIT, 1987, p. 107)

Logo, é necessário haver um equilíbrio para analisar com precisão sem exagerar na especificidade do documento, detectando o que realmente importa, e descartando aquilo que seja desnecessário, “sem pecar por omissão [e muito menos] pecar por excesso” (SMIT, 1987, p. 108). Assim, a descrição de uma imagem nada mais é do que classificar hierarquicamente as informações detectáveis na imagem, levando em consideração a relevância dessas informações, como técnica de produção, localização geográfica, tempo histórico, entre outros aspectos, respondendo sempre as seguintes indagações: “QUEM (seres vivos), ONDE (ambiente) QUANDO (tempo), ONDE (espaço), O QUE (ação) e COMO (técnica).”

(SMIT, 1987, p. 109). Sem demora, é preciso entender a fotografia como documento a ser tratado e recuperado (SMIT, 1996, p. 29).

A fotografia como reprodução do real, conforme Dubois, “[...] deixa de ser espelho e passa a representar uma realidade relativizada pela codificação cultural e ideológica.” (DUBOIS apud SMIT, 1996, p. 29), ou seja, torna-se um documento de valor representativo na sociedade, um objeto que pertence à história.

Atualmente, as fotografias se fazem cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade. Estes suportes imagéticos são fontes de informação e merecem tratamento técnico informacional considerando suas características particulares, aspirando a conseqüente produção do conhecimento.

Simultaneamente, de acordo com Choo, “A necessidade de informação surge quando o indivíduo reconhece vazios em seu conhecimento e em sua capacidade de dar significado a uma experiência” (CHOO apud MAIMONE; TÁLAMO, 2008). Deste jeito, para Maimone e Tálamo, é de grande valia a precisão ao representar a informação contida nas fontes iconográficas, pois quanto mais fiéis forem as descrições frente ao conteúdo e expressão original das fotografias, melhor serão absorvidos os conhecimentos intrínsecos a elas (MAIMONE; TÁLAMO, 2008).

Por conta desses aspectos apresentados, este trabalho foi realizado com o objetivo de recuperar e apresentar a memória da Escola Superior de Guerra a partir do seu acervo bibliográfico e documental, tendo como prova, ou testemunho, fotografias localizadas no repositório de sua história, a Biblioteca General Cordeiro de Farias, ciente que a articulação do uso de imagens à construção da memória, ao percorrer os documentos textuais e fotográficos, com apoio de informações orais, nos imerge no tempo e no espaço, consolidando, através de referências individuais e coletivas, a memória social para assim escrever, mais fiel possível, a história de uma nação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As consequentes e sucessivas evidências da memória derivam de processos histórico-culturais que se manifestam naturalmente à medida que a necessidade de lembrar para não esquecer é cristalizada no inconsciente da sociedade.

Partindo da premissa que, atualmente, o uso de imagens fotográficas como documento testemunhal se tornou uma necessidade no campo de estudo dos fenômenos sociais, é crido que seja necessário aprendermos a usufruir destes suportes ricos em informação intrínseca, tanto em sua forma quanto em conteúdo, cientes que estes não são somente ilustrações monográficas, mas sim, inquestionável testemunho histórico, se associados aos documentos textuais e demais fontes de informação, como depoimentos orais. Para tanto, eles precisam ser de fácil recuperação, sendo necessário passar por um processamento técnico especializado que também vise sua preservação e conservação, tornando-se fonte inquestionável e inesgotável de pesquisa bibliográfica e documental.

A memória associada aos documentos constrói a história de uma sociedade, de um povo. Por conseguinte, a fotografia, como testemunho histórico, vinculada ou não a documentos escritos e depoimentos orais, torna-se parte integrante da construção dos espaços mnemônicos, necessitando, assim, de uma análise especializada e detalhada.

Afinal, todos os esforços em recuperar vestígios de tempos passados, como as reproduções imagéticas, refletem em nosso tempo, e acabam justificando nossas necessidades e ideais para o futuro, tornando-se registros indispensáveis à interpretação de acontecimentos passados e presentes por parte de pesquisadores e estudiosos no futuro. Logo, neste trabalho, passado e presente se entrelaçam. O fundamento da história é recuperar a memória, questionando continuamente o passado, através das próprias exigências do presente.

A Escola Superior de Guerra é uma instituição que realiza estudos e pesquisas para melhor compreender a realidade nacional e internacional, preparando civis e militares com o intuito de que estes possam propor políticas e estratégias referentes ao desenvolvimento, segurança e defesa nacionais, possuindo valores organizacionais direcionados ao homem, à nação, à diversidade de pensamento, à liberdade de expressão, e ao conhecimento.

Os sessenta e cinco anos de existência da Escola Superior de Guerra é o momento mais adequado para que sejam articulados presente, passado e futuro, pois marca a celebração de uma história rica em registros, informação e de uma memória institucional composta de instrumentos eficazes à prospecção social do nosso país. Assim, identificando, tratando e organizando seu acervo documental torna-se a maneira mais sensata de salvar a sua memória da escuridão, do silêncio e do esquecimento.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**, Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ARAÚJO, Ernesto de. **A segurança nacional e a ESG**. Rio de Janeiro: ESG, 1955. 6 p.

ARRUDA, Antônio de. **Aspectos da doutrina da Escola Superior de Guerra e de suas bases teóricas**. Rio de Janeiro: ESG, 1978. 2 v.

BARNETT, Brendon. Louis Pasteur: chance favors the prepared mind. **Pasteur brewing**, [S.l., s.d.]. Disponível em: <<http://www.pasteurbrewing.com/articles/life-of-pasteur/louis-pasteur-chance-favors-prepared-mind/173.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

BRASIL. Decreto nº 25.705 de 22 de outubro de 1948. Aprova Estabelece normas para a organização da Escola Superior de Guerra. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 nov. 1948. Seção 1, p. 15479. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-25705-22-outubro-1948-340304-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 27.264, de 28 de setembro de 1949. Aprova e manda executar o Regulamento da Escola Superior de Guerra. **Diário Oficial [da] República**

**Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 out. 1949. Seção 1, p. 14098. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-27264-28-setembro-1949-452591-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 35.187, de 11 de março de 1954. Aprova e manda executar o Regulamento da Escola Superior de Guerra. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 mar. 1954. Seção 1, p. 3948. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35187-11-marco-1954-323315-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

BRASIL. Decreto nº 50.352, de 17 de março de 1961. Aprova o Regulamento da Escola Superior de Guerra. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 mar. 1961. Seção 1, p. 2705. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50352-17-marco-1961-389973-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 53.080, de 4 de dezembro de 1963. Aprova o Regulamento da Escola Superior de Guerra. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 dez. 1963. Seção 1, p. 10224. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53080-4-dezembro-1963-393120-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 72.699, de 27 de agosto de 1973. Aprova o novo Regulamento da Escola Superior de Guerra e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 ago. 1973. Seção 1, p. 8594. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-72699-27-agosto-1973-421238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 91.536, de 16 de agosto de 1985. Altera dispositivos do Decreto nº 90.079, de 16 de agosto de 1984, que "dispõe sobre o Regulamento da Escola Superior de Guerra e dá outras providências". **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 ago. 1985. Seção 1, p. 12122. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91536-16-agosto-1985-441942-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei nº 4.130, de 26 de fevereiro de 1942. Regula o ensino militar no Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 fev. 1942. Seção 1, p. 2959. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4130-26-fevereiro-1942-414128-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei nº 785 de 20 de agosto de 1949. Cria a Escola Superior de Guerra e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 30 ago. 1949. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/L785.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L785.htm)>. Acesso em: 29 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei Complementar nº 97 de 9 de setembro de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jun. 1999.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp97.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp97.htm)>. Acesso em: 4 dez. 2014.

BRASIL. Estado Maior das Forças Armadas. Portaria nº 002 FA-6-244, de 24 de dezembro de 1973. [...], resolve: Aprovar o Regimento Interno da Escola Superior de Guerra (ESG). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 fev. 1973. Seção 1, p. 10. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2967771/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-15-02-1974>>. Acesso em: 13 out. 2014.

BRASIL, Gerson. **História das ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Souza, 1954.

BRUM, Hélio de Almeida. Biblioteca – repositório da história da ESG. **Revista da Escola Superior de Guerra**, ano 5, n. 12, p. 23-27, set. 1989. Edição comemorativa quadragésimo ano.

CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. **A Doutrina Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: ESG, 1957. 67 p.

\_\_\_\_\_. **Os meios militares na recuperação moral do País**: Conferência do General Humberto de Alencar Castello Branco, em 19 de setembro de 1955. Rio de Janeiro: ESG, 1955.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. (Coleção Documentos Brasileiros, 88).

CÓDIGO de Catalogação Anglo-Americano. 2. ed. rev. 2002. São Paulo: FEBAB, 2004

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 161 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Instituto Brasileiro de Informação em Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de. (Org.). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 59-66.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil). **Almanaque dos diplomados da Escola Superior de Guerra**: 50 anos Escola Superior de Guerra: 1949-1999. Rio de Janeiro: ESG, 1999.

\_\_\_\_\_. **Projeto Biblioteca**: Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980.

\_\_\_\_\_. **Regimento interno da Escola Superior de Guerra**: 1988. Brasília: ESG, 1988.

FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. **Cerimônia do 25º aniversário da Escola Superior de Guerra**. Rio de Janeiro: ESG, 20 ago. 1974.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Gen Ex Oswaldo Cordeiro de Farias por ocasião da passagem de Comando da ESG ao Gen Div Juarez do Nascimento Fernandes Távora**. Rio de Janeiro: ESG, 1952. 6 f.

\_\_\_\_\_. **Palestra sobre a organização da Escola Superior de Guerra, realizada na Escola de Estado Maior pelo Exmo. Sr. Gen. Div. Oswaldo Cordeiro de Farias**. Rio de Janeiro: ESG, 1949.

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar**. Lisboa Ocidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722.

FRAGOSO, Augusto. **Doutrina militar brasileira**: bases para sua formulação. Rio de Janeiro: ESG, 1959. 41 p.

\_\_\_\_\_. A ESG: origem, evolução e posição atual. Separata de: **INFORMATIVO da Fundação Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, mar. 1971a. 27 p.

\_\_\_\_\_. **A Escola Superior de Guerra**: evolução – atualidade – perspectivas. Rio de Janeiro: ESG, 1971b. 46 p.

GOES, Walder de (Org.). **Meio século de combate**: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GONÇALVES, Ana Maria. Serendipidades!. **Literafro**, Belo Horizonte, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/23/textosselecionados.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. v. 1, Memória-História. p. 95-106.

MACEDO, Marcelo. **Expedicionário Leonidas Macedo Filho – Sargento da FEB**, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/expedicionario-leonidas-macedo-filho-sargento-da-feb/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr08/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/abr08/Art_02.htm)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MANNINI, Miriam Paula. Análise documentária de imagens. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 128-135, jan./jun. 2001.

MASCARENHAS, Ajalmar Vieira. **A ESG e a organização da segurança nacional**. Rio de Janeiro: ESG, 1956. 14 p.

MCNAMARA, Robert S. **A essência da segurança**. São Paulo: IBRASA, 1968.

MÉDICI, Emílio Garrastazú. **Aula inaugural pronunciada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República General-do-Exército Emílio Garrastazú Médiçi:** abertura do ano letivo de 1970, 10 de março de 1970. Rio de Janeiro: ESG, 1970.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OBINO, Salvador Cesar. **Dados para justificação da mensagem presidencial encaminhando o projeto de concessão de verbas necessárias à organização, instalação e funcionamento da “Escola Superior de Guerra”.** Rio de Janeiro: ESG, 1949.

OLIVA, Oswaldo Muniz. A Escola Superior de Guerra. **Revista da Escola Superior de Guerra**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 12, p. 11-12, 1989.

RIBAS, Emílio Rodrigues. **A Conjuntura Nacional (fatores militares):** subsídios para o estabelecimento de uma Doutrina de Guerra. Rio de Janeiro: ESG, 1953. 50 p.

SCHNEIDER, Pe. Roque. **Pensamentos e orações.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária:** a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987.

\_\_\_\_\_. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.28-36, jul./dez. 1996.

SOUSA, Raimundo Damião Pereira de. **Comunicado:** restitui-vos as fotografias antigas [...]. Rio de Janeiro, 19 ago. 1999. 1 p.

TAVARES, Aurélio de Lyra. **Segurança nacional:** problemas atuais. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964

TÁVORA, Flávio Juarez. **Bilhete:** prezada D<sup>a</sup> Cleide. Rio de Janeiro, 9 jun. 2004. 1 p.

TÁVORA, Juarez do Nascimento Fernandes. **A segurança Nacional, a Política e a Estratégia:** conceituação e inter-relações. Rio de Janeiro: ESG, 1953. 18 p.

WASCONCELOS, Waldemar. Ambiente social do trabalhador. **Correio do povo**, Porto Alegre, 20 nov. 1934.